

REVISTA

CORPOCONSCIÊNCIA

Volume 25 - número 03 – suplemento 1 – setembro/dezembro de 2021



ISSN 1517-6096

ISSNe 2178-5945

**CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL - PROEF**

Relatos de Experiência

SUMÁRIO

**Seção:
Educação Física na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino
Fundamental**

A PRÁTICA DA CAPOEIRA COMO CONTEÚDO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO 1º a 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CENTRO EDUCACIONAL MARIA GIL DE MEDEIROS PICOS-PI	6
A TRANSFORMAÇÃO DE AULAS LIVRES EM ESPAÇOS DE ACOMPANHAMENTO DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS.....	7
BRINCADEIRA ENTRE GERAÇÕES	8
BRINCANDO DE ATLETISMO: EXPERIÊNCIAS EM TRANSIÇÃO	9
DANÇA E RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	10
EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO PROEF.....	11
EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM PLANEJAMENTO ANUAL BASEADO EM SISTEMA APOSTILADO DE ENSINO	12
EXPERIÊNCIAS AQUÁTICAS EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL: LIMITES E POSSIBILIDADES.....	13
IMPACTO DA PANDEMIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E AS PROBLEMÁTICAS DO RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS.....	14
LEITURA, CÂMERA, AÇÃO: PROBLEMÁTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	15
“MEUS PAIS BRINCARAM COMIGO” – UM RESGATE DE JOGOS E BRINQUEDOS POPULARES	16
O DESAFIO COMO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM AULAS REMOTAS DURANTE A PANDEMIA.....	17



ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	18
PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: UNIDADE DIDÁTICA A PARTIR DE UMA SITUAÇÃO PROBLEMA.....	19
“PROFESSORA, ENTÃO VAMOS DE INDIVIDUAL E DEIXA A CEREJA DO BOLO PARA O FINAL”: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DO ATLETISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	20
PROJETO DE INICIAÇÃO AO ATLETISMO ESCOLAR: UM EXEMPLO DE PARCERIA ENTRE AS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO E A SECRETARIA DE ESPORTES DA CIDADE DE LIMEIRA-SP	21
PROJETO “SORRIA: NOSSO CIRCO É SÓ ALEGRIA”	22
QUEBRA CABEÇA EM 3D PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL	23
TEMATIZANDO O HÓQUEI NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	24
TÊNIS E OUTROS BRINQUEDOS COM RODINHAS: LEGAL NA RUA, MAIS AINDA NA ESCOLA	25
VOLEANDO NA ESCOLA	26

Seção:

Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental

“ALÉM DOS MUROS ESCOLARES: UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA”	28
A EXPERIÊNCIA DE UM TUTOR NO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL (PROEF)	29
A IMPORTÂNCIA DO AFETO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	30
A PERSPECTIVA DOS(AS) ESTUDANTES SOBRE A NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	31
A PRÁTICA DA GINÁSTICA NO ENSINO REMOTO	32
A SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DA CULTURA CORPORAL DO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE MUNICIPAL DE GOIANA-PE	33
AS LUTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO TEÓRICA PARA ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL.....	34
AUDIODESCRIÇÃO PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA..	35
CLASSIFICAÇÃO DOS ESPORTES E PRODUÇÃO INDIVIDUAL: UMA PROPOSTA DE TRABALHO EM TEMPOS DE PANDEMIA	36
DANÇA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	37
DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO E ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	38



DRIBLANDO AS ADVERSIDADES: EXPERIÊNCIA DE ENSINO DO FUTSAL SOB UM REFERENCIAL SOCIO PEDAGÓGICO	39
ENSINO REMOTO: CONTEXTUALIZANDO GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	40
ESPORTES DE REDE: EXPERIMENTAÇÃO E VIVÊNCIA DO BADMINTON EM UMA TURMA DE 8º ANO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO NO ESTADO DE MATO GROSSO	41
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A TEMÁTICA DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR – ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	42
EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA DANÇA: UMA REFLEXÃO NO ENSINO REMOTO	43
GINCANA INDÍGENA: POSSIBILIDADES DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA	44
JOGO AFRICANO SHISIMA COMO INTERVENÇÃO NAS AULAS ONLINE NO PERÍODO PANDÊMICO.....	45
LUTAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	46
MODELOS SPORT EDUCATION E PESQUISA-AÇÃO NAS AULAS DE FUTSAL MISTO EM PROGRAMA DE ESPORTE E LAZER DA CIDADE.....	47
O ENSINO DO FUTSAL A PARTIR DA LÓGICA INTERNA DOS ESPORTES DE INVASÃO	48
O QUE PODE O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM UM CENTRO SOCIOEDUCATIVO DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI?	49
OLHARES E “NÃO OLHARES” DA GESTÃO EDUCACIONAL SOBRE O PROFESSOR “ROLA BOLA”	50
PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: NOVOS PERCURSOS NA ESCOLA	51
REFLEXÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ACESSIBILIDADE DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL.....	52
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA.....	53
SLACKLINE: O QUE ESTÁ POR VIR.....	54
TEMATIZANDO O RUGBY NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	55

Seção:

Educação Física no Ensino Médio

A PERCEPÇÃO CORPORAL DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO RETORNO AS AULAS PRESENCIAIS.....	57
AS PRÁTICAS CORPORAIS COMO ARTICULADORAS DA APROXIMAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE.....	58
ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NO ENSINO MÉDIO	59



AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DESAFIOS À PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NA ESCOLA.....	60
DISCUSSÕES SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA	61
EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: A UTILIZAÇÃO DO LICHESSE COMO FERRAMENTA DE ENSINO.....	62
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E PANDEMIA: CONTEÚDOS E METODOLOGIAS PARA ALÉM DA PRÁTICA	63
EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: PRESENTE!	64
ESGRIMA ELETRÔNICA: UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NA ESCOLA PÚBLICA	65
IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	66
JÚRI SIMULADO: COMPETIÇÕES ESPORTIVAS DEVEM SER ORGANIZADAS PELO SEXO BIOLÓGICO?	67




Seção:
Educação Física na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



A PRÁTICA DA CAPOEIRA COMO CONTEÚDO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO 1º a 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CENTRO EDUCACIONAL MARIA GIL DE MEDEIROS PICOS-PI


Daniel de Moura Lopes


<https://orcid.org/0000-0002-8254-3476> 

<http://lattes.cnpq.br/5359769179728570> 

Faculdade Evangélica Cristo Rei (Picos, PI -Brasil)
daniellopes1980@hotmail.com


Luana de Sousa Lima


<https://orcid.org/0000-0003-0057-973X> 

<http://lattes.cnpq.br/3203702429981415> 

Universidade Norte do Paraná (Picos, PI -Brasil)
lua_17_lima@hotmail.com

Luzia Rodrigues de Macedo

<https://orcid.org/0000-0002-0825-3032> 

<http://lattes.cnpq.br/8603888301987520> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão de Pernambuco (Salgueiro, PE -Brasil)
luziarmacedo@gmail.com

Resumo


A Capoeira que surgiu da forte repressão do negro escravo trazido da África que para se defender buscou uma forma de manifestação contra a opressão de seus senhores, a capoeira surgiu em solo brasileiro, por isso se diz que a capoeira é uma arte Afro-brasileira. O objetivo foi investigar as mudanças de comportamento para o melhor desempenho dos alunos, segundo três visões: a do próprio aluno, a dos pais e a dos professores, que praticam a capoeira nas aulas de Educação Física Escolar. O estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza descritiva, qualitativa e quantitativa realizada com alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I no Centro Educacional Maria Gil de Medeiros. Esse estudo será composto por uma população de 50 alunos divididos em duas turmas, perfazendo 25 alunos em cada uma. A coleta de dados foi feita por meio de questionários, com questões objetivas, direcionados para os alunos, pais e professores, sendo um de 10 questões (alunos) e outro com 01 questão (pais e professores) que abordam a motivação, a percepção de comportamento e de desempenho escolar, respectivamente. Mais de 55% dos investigados, ou seja, pais, professores e os próprios alunos responderam ter percebido modificações no comportamento e no desempenho escolar para melhor após as práticas da capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar. Houve um avanço significativo na percepção dos pais, professores e dos próprios alunos para com a prática da capoeira, o que traz certa relevância na prática desta atividade, pois se deve levar em consideração que a mesma contribuiu de alguma forma para a mudança de comportamento para melhor, dos filhos e mostra que a capoeira é uma atividade rica e realizada de forma prazerosa.


Palavras-chave: Capoeira; Prática Pedagógica Escolar; Educação Física.



A TRANSFORMAÇÃO DE AULAS LIVRES EM ESPAÇOS DE ACOMPANHAMENTO DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS

Cristina Gil de Carvalho Baio


<https://orcid.org/0000-0002-1919-2669> 


<http://lattes.cnpq.br/1232486725281261> 

Secretaria Municipal de Educação de Itápolis (Itápolis, SP – Brasil)

cristina.baio@estudante.ufscar.br

Glauco Nunes Souto Ramos

<https://orcid.org/0000-0003-2644-2838> 

<http://lattes.cnpq.br/0134679842280022> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

glauco@ufscar.br

Resumo


Este trabalho é um relato de experiência vivenciado pela autora enquanto professora de Educação Física da rede municipal de ensino do município de Itápolis/SP, para os anos iniciais do ensino fundamental. Quando me removi para a escola na qual trabalho, existia a cultura do “rola bola” nas aulas de Educação Física, não havia a intervenção pedagógica esperada do professor e, com isso, os alunos só vivenciavam nas aulas as atividades que mais os atraíam como o futsal e a queimada. Para minimizar conflitos no primeiro momento, utilizei de combinados com os alunos para que participassem das atividades elaboradas com os conteúdos do currículo, sendo depois “contemplados” com uma aula livre no mês. Este tipo de abordagem tem sido utilizado como “moeda de troca”; mas o que no início foi o único recurso encontrado para uma difícil situação, com o passar do tempo se tornou algo positivo e uma ferramenta no processo de ensino e de aprendizagem, pois no decorrer dessas “aulas livres”, muitas vezes, os alunos realizavam as atividades desenvolvidas por mim nas aulas, simbolizando a assimilação do conteúdo proposto e um retorno sobre o trabalho realizado. Destaco que tais aulas não tinham conteúdos definidos, mas eu sempre os acompanhava e estava presente para orientar ou tomar alguma atitude necessária. Neste sentido, quando os alunos colocam em prática nas “aulas livres” atividades vivenciadas durante as aulas ministradas, podemos dizer que eles aprenderam aquele conteúdo somente pelo fato de, em alguns momentos, reproduzi-lo. Tal estratégia pedagógica, antes adotada como moeda de troca, atualmente se apresenta com outro propósito, pois os alunos se organizam, muitas vezes, com antecedência, criam coletivamente regras e combinados. Esses combinados têm me auxiliado em vários desafios, como: indisciplina, desinteresse nas aulas e diversos conflitos, pois os alunos sabem que se não colaborarem, o acordo será desfeito. Assim, tenho buscado pensar e atuar a partir da premissa de que o aluno é parte central do processo de ensino e de aprendizagem e que o conhecimento não é focado apenas no professor. As lições desta experiência caminham na direção de elucidar que não devemos basear a prática pedagógica única e exclusivamente em certezas, em modelos ideais, em receitas universais, em verdades “absolutas”, pois, muitas vezes, tais orientações não se encaixam nos diversos contextos das escolas.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Contrato Pedagógico; Prática Pedagógica Docente.



BRINCADEIRA ENTRE GERAÇÕES

Leandro de Carvalho da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-4360-4915> 

<http://lattes.cnpq.br/8167442892432277> 

Secretaria Municipal de Suzano (Suzano, SP – Brasil)

lcsilva@estudante.ufscar.br

Resumo


O objetivo do presente texto consiste em relatar de forma descritiva e crítica a experiência interdisciplinar sobre a temática dos jogos populares desenvolvida por três professores de uma escola da rede pública municipal de Suzano-SP. Em uma conversa com a professora do 5º ano e o professor de Arte, comentei sobre o próximo tema a ser trabalhado nas aulas de Educação Física seria brincadeiras populares. Ambos adoraram e resolvemos fazer um trabalho interdisciplinar. Durante nossa conversa surgiu a ideia de transformarmos este tema em um pequeno livro no qual os alunos seriam protagonistas em todas as etapas do processo educativo. A professora viu a possibilidade de explorar a produção textual e análise de diferentes gêneros, já o professor de Arte se propôs a confeccionar as capas com os alunos, e assim iniciamos o desenvolvimento do trabalho. A primeira etapa consistiu em uma entrevista, em que seus pais, avós ou responsáveis, lhes contavam sobre suas brincadeiras de infância. Depois partindo das brincadeiras citadas nas entrevistas, escolhemos juntamente com os educandos, quais seriam vivenciadas nas aulas de Educação Física. Após uma pesquisa simples na internet, imprimíamos a atividade com as explicações e desenvolvimento das mesmas, eles liam interpretavam em sala de aula, e eram levados para vivenciarem a atividade na prática. Nos primeiros trinta minutos eu não intervinha, deixando os alunos se organizarem e desenvolverem as atividades sozinhos, da forma que interpretaram. Depois de meia hora, conversávamos sobre seus sentimentos em relação a prática, como por exemplo suas maiores dificuldades na atividade e após toda conversa, caso eles não interpretassem a forma convencional idealizada pelo texto, eu fazia uma mediação explicando como a brincadeira, estava prevista na proposta inicial. Ao retornarem para a sala escreviam sobre a experiência de vivenciar a atividade na quadra. Fizemos isso durante um semestre, e pudemos ver um grande envolvimento dos estudantes no processo. Após a conclusão da temática, os alunos confeccionaram a capa do livro nas aulas de Arte. Por fim eles nos enviaram fotos brincando com seus familiares das brincadeiras que aprenderam. Utilizamos estas imagens e a entrevista inicial de cada um para compor as páginas do nosso livro, que eles nomearam de "Brincadeira entre gerações". Os educandos como autores desta obra, tiveram uma tarde de autógrafos na escola, na qual seus pais e convidados receberam um exemplar desta produção. Os alunos fizeram dedicatórias para seus convidados e tiraram fotos. Um grande desafio deste trabalho foi fazer os alunos trabalharem em grupo, na medida em que uns tinham que ouvir os outros, prezando sempre pelo respeito e igualdade de direitos nas falas. Algo muito positivo foi o envolvimento das famílias e a aproximação entre escola e comunidade. O trabalho interdisciplinar, foi de grande importância, e deu voz a Educação Física visto que os outros professores puderam perceber que nossa disciplina dialoga com as outras áreas de conhecimento.


Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Brincadeiras Populares; Criatividade; Cooperação.



BRINCANDO DE ATLETISMO: EXPERIÊNCIAS EM TRANSIÇÃO

Daniela Fernanda Rodrigues da Silva


<https://orcid.org/0000-0002-9332-6936> 


<http://lattes.cnpq.br/1752577436881570> 

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (Belo Horizonte, MG – Brasil)

danielafernandapedagoga@hotmail.com

Paula Cristina da Costa Silva

<https://orcid.org/0000-0002-7788-6503> 

<http://lattes.cnpq.br/1180954428242134> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

letpau13@gmail.com

Resumo


A transição dos estudantes da educação infantil para o ensino fundamental é um tema pouco estudado no campo da Educação e, em especial na Educação Física. A ampliação dos anos iniciais do ensino fundamental ocorreu por meio da lei nº 11. 274, de 06 de fevereiro de 2006 (BRASIL, 2006), e passou a receber crianças com idade e características da educação infantil. Esse relato trata da importância do brincar e se-movimentar durante a infância com ênfase na ludicidade nas estratégias de ensino. E visa apresentar uma experiência de ensino do atletismo para as crianças de 6 anos. Metodologicamente a experiência ocorreu no contexto de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com trabalho de campo pautado na observação participante. Os registros foram realizados pela docente por meio de caderno de campo e fotos. A escola na qual foi realizado esse trabalho está situada na região central da cidade de Nanuque/MG. Foram desenvolvidas 27 aulas, para 25 estudantes, ao longo de 2 semestres letivos, no ano de 2019, das quais 10 encontros foram destinados à abordagem do atletismo. A metodologia adotada para os procedimentos de ensino utilizou a perspectiva do brincar e se-movimentar. As avaliações das aulas ocorreram de forma dialogada e por meio de desenhos produzidos pelas crianças ao longo das intervenções. Para a análise dos dados, foram abordados os diversos tipos de linguagens que a criança possui e como ela se apropria da cultura de movimento ensinada. Podemos considerar que um dos resultados obtidos com as aulas de atletismo foi o de concretizar uma proposta de prática educativa dialógica, crítica, que respeitasse às crianças que ainda estão vivendo a 1ª infância em um ambiente escolar que não se adaptou a sua faixa etária. Quando foi pensada a incorporação das crianças de 6 anos, no 1º ano do ensino fundamental, não se levou em consideração que o processo de ensino-aprendizado deveria atender as demandas da fase de transição da educação infantil para o ensino fundamental. No caso das aulas de educação física isso se torna latente quando ainda se vê a ansiedade dos estudantes em correrem livremente pela quadra, interagirem no brincar espontâneo e permanecerem longe do ambiente fechado da sala de aula. Consideramos essencial que a escola repense as abordagens de ensino-aprendizado dos alunos dessa fase de transição não responsabilizando a disciplina de educação física como a única na qual o brincar, se-movimentar e aprender seja permitido.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Ensino-aprendizado; Atletismo.



DANÇA E RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Érika de Souza Zanata


<https://orcid.org/0000-0003-1622-6437> 


<http://lattes.cnpq.br/3248501005694304> 

Secretaria de Educação de Araraquara (Araraquara, SP – Brasil)

erikaszanata@gmail.com

Flávio Soares Alves

<https://0000-0002-1698-6535> 

<http://lattes.cnpq.br/0847878711211793> 

Universidade Estadual Paulista (Rio Claro, SP – Brasil)

flavio.alves@unesp.br

Resumo


Trabalhar com a dança como conteúdo da educação física escolar, é sempre desafiador, porém, como uma das áreas da cultura corporal de movimento, deve ser desenvolvida no contexto escolar como parte integrante do currículo da Educação Física, para o desenvolvimento integral do aluno, através de um planejamento adequado, com a clareza de objetivos de aprendizagem, coerência para definição e escolha dos critérios de ensino, desconstruindo estereótipos culturalmente enraizados em nossa sociedade em relação à prática da dança, principalmente no que se refere às questões de gênero. O objetivo desse trabalho foi experienciar uma proposta de trabalho com a dança e as relações de gênero nas séries iniciais do ensino fundamental. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, pautado em referências da literatura sobre a temática em questão no estudo (dança e gênero), e principalmente na experiência da pesquisadora com a prática pedagógica na escola, e é parte de uma pesquisa do mestrado profissional em rede de educação física escolar (PROEF). O trabalho se dividiu em 3 etapas: na primeira, foi feito um rastreamento do material bibliográfico com vistas à produção de reflexões sobre os temas dança, gênero e escola; na segunda, foi elaborada uma unidade didática envolvendo a dança e as relações de gênero, com um conjunto de 12 aulas, utilizando como base, atividades lúdicas e de sensibilização rítmicas e depois, como temáticas das aulas, as danças regionais brasileiras, seguindo as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para as turmas em que seria aplicada e também como forma de valorização e conhecimento da cultura rítmica brasileira; na terceira, aplicamos essa unidade didática para uma turma de 3º ano do ensino fundamental, com idade entre 8 e 9 anos, de uma escola municipal da cidade de Araraquara. Entendemos com essa pesquisa o quanto é importante a reflexão e o diálogo no processo de ensino e aprendizagem da dança na escola e que só será possível pensar e desenvolver uma dança da escola, recriando o seu sentido, através da promoção de práticas que propiciem iguais oportunidades de vivência às meninas e aos meninos, possibilitando que ambos possam desenvolver suas potencialidades, rompendo assim preconceitos, em direção à uma equidade nas relações entre gêneros na escola.


Palavras-chave: Educação Física; Escola; Dança; Gênero.



EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO PROEF

Tchiago Brigo


<https://orcid.org/0000-0002-6178-4123> 


<http://lattes.cnpq.br/2586669424242879> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

tchiago.brigo@sou.unijui.edu.br

Luis Gustavo Ramos dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-0667-3615> 

<http://lattes.cnpq.br/3515109790790103> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

luis.grds@sou.unijui.edu.br

Resumo


O direito de aprender da criança é apresentado em inúmeros documentos oficiais no Brasil, entre eles a Constituição Federal (1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), e a Base Nacional Comum Curricular (2017). Na Educação Infantil vemos a possibilidade de atender a essas prerrogativas, embora exista um conjunto de fatores que afetam o atendimento escolar às crianças contemporâneas. Entre eles, o período pandêmico que assola o Brasil desde o início do ano de 2020, e que se apresenta como obstáculo para a Educação Infantil. Sendo assim, o direito de aprender sobre o próprio desenvolvimento corporal na Educação Física Infantil ficou limitado às aulas remotas, fato emergente do isolamento social promovido pela Covid-19. Nesse sentido, este estudo, em caráter relato de experiência, aborda a Educação como necessidade das crianças e aponta quais os caminhos encontrados para permitir o desenvolvimento motor infantil por meio das aulas de Educação Física mesmo em condições de aulas remotas (síncronas e assíncronas) em um Centro de Educação Infantil em uma cidade do Vale do Itajaí - SC. Após as intervenções, acredita-se que, diante do desafio apresentado à educação escolar das crianças, os objetivos foram atendidos em parte por meio do uso das tecnologias digitais, ficando evidente a necessidade de apoio mútuo entre família e escola para minimizar os efeitos negativos do distanciamento social na Educação Infantil.


Palavras-chave: Educação Física Infantil; Pandemia; Aprendizagem.



EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM PLANEJAMENTO ANUAL BASEADO EM SISTEMA APOSTILADO DE ENSINO

Rafaela Pereira Cintra


<https://orcid.org/0000-0002-6577-8281> 

<http://lattes.cnpq.br/652919385833337> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)
rafaelacintra@estudante.ufscar.br

Perla Cristina Frangioti Machado

<https://orcid.org/0000-0001-7785-3878> 

<http://lattes.cnpq.br/8313436332195201> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)
perla@estudante.ufscar.br

Karina Polezel de Sales

<https://orcid.org/0000-0003-4269-8462> 

<http://lattes.cnpq.br/9634811521506926> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)
karinasales@estudante.ufscar.br

Resumo


Na disciplina: “Escola, Educação Física e Planejamento” do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede (ProEF), polo UFSCar, nos deparamos com desafios acerca da organização e planejamento do trabalho docente nas esferas macro, meso e micro. Ao finalizar a disciplina, realizamos um trabalho em grupo no qual a proposta era a elaboração de um Planejamento Anual das aulas de Educação Física Escolar na Educação Infantil. Uma das professoras atua na rede privada de ensino na qual a escola possui um material didático apostilado, dividido em Projetos Temáticos, onde os campos de experiência são desenvolvidos. Em várias ocasiões a professora de Educação Física era abordada pelas polivalentes solicitando que realizasse atividades do material, normalmente do campo Corpo, Gestos e Movimento. Além disso, na Educação Infantil não há componentes curriculares definidos. Portanto, pelas vivências do dia a dia escolar debatido entre as autoras, unidas aos conhecimentos científicos advindos desta disciplina, acreditamos ser pertinente nos integramos ao trabalho realizado pela professora polivalente e os demais professores especialistas, além de sistematizar e planejar de maneira mais adequada as aulas de Educação Física. Foi grande desafio articular os temas sugeridos no material (bichinhos de jardim; declamando e encantando; uma pirueta, duas piruetas...bravo, bravo!; preparar, transformar, provar!; roupas daqui e do mundo e; a vida no reino) com o planejamento das aulas de Educação Física. Ao invés de utilizar o termo “projeto” preferimos usar “unidades didáticas” que receberam os mesmos nomes citados, pois nelas desenvolvemos aulas que abrangiam todos os campos de experiência da Educação Infantil. A experiência foi muito positiva, além de melhor sistematização e, por consequência, qualidade nas aulas, evitamos situações que eram habituais as quais considera a Educação Física como meio para atingir determinados objetivos traçados pelas professoras polivalentes, não tendo a Educação Física um fim nela mesma.


Palavras-chave: Educação Física; Educação Infantil; Planejamento; Campos de Experiências.



EXPERIÊNCIAS AQUÁTICAS EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

Mary Ane Sartori Lopes


<https://orcid.org/0000-0001-8054-9850> 


<http://lattes.cnpq.br/1583588189053789> 

Secretaria Municipal de Educação de Matão (Matão, SP – Brasil)

maryanesartori2@gmail.com

Luiz Antonio Pereira


<https://orcid.org/0000-0003-3445-883X> 


<http://lattes.cnpq.br/3162075613143697> 

Secretaria Municipal de Educação de Matão (Matão, SP – Brasil)

lumessas@hotmail.com

Daniela Godoi Jacomassi

<https://orcid.org/0000-0002-7043-7529> 

<http://lattes.cnpq.br/7699007812483790> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

danielagodoij@ufscar.br

Resumo


As atividades no meio líquido podem contribuir para o desenvolvimento das crianças, porém devido as dificuldades de acesso encontradas na maioria das escolas elas se tornam pouco exploradas e acabam sendo pouco utilizadas pedagogicamente dentro do contexto de Educação Física escolar. Diante destas questões, a nossa proposta é apresentar e discutir as experiências de uma oficina de atividades aquáticas vivenciada com os alunos em uma escola municipal de tempo integral. Os objetivos desta oficina são propiciar a autonomia no meio líquido através de brincadeiras, atividades lúdicas, iniciação da modalidade de natação, bem como convivência, autonomia e respeito, propiciando o desenvolvimento de aspectos motores, sociais e afetivos. Os alunos participantes desta proposta pedagógica são alunos do ensino fundamental anos iniciais e tem acesso a três aulas semanais, durante todo o ano letivo. São proporcionadas atividades voltadas aos aspectos comportamentais, tais como: disciplina no deslocamento até o local, que é realizado de ônibus da escola ao clube, regras de segurança no clube que é aberto ao público no período das aulas, aspectos relacionados ao autocuidado, como banhos ao final da aula que levam os alunos a reconhecerem a importância da higiene para melhor compreensão sobre a saúde. Em relação aos aspectos pedagógicos são realizadas ambientações ao meio líquido por meio de brincadeiras e atividades lúdicas, iniciação do nado sobrevivência e dos estilos da natação. Destaca-se a importância da relação dialógica por meio de rodas de conversa sempre ao início e final das aulas estreitando as relações entre professor/aluno e aluno/aluno, criando um ambiente propício a aprendizagem e de colaboração entre os participantes. Concluímos que as atividades aquáticas são ferramentas que podem contribuir para aulas de educação física mais dinâmicas e diferenciadas, porém diante das limitações de espaço físico acreditamos que seriam necessárias parcerias que pudessem proporcionar esta experiência dentro do ambiente escolar.


Palavras-chave: Atividades Aquáticas; Educação em Tempo Integral; Educação Física Escolar.



IMPACTO DA PANDEMIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E AS PROBLEMÁTICAS DO RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS


Emanuela Maria Montoro Hernandez


<https://orcid.org/0000-0001-6665-120X> 

<http://lattes.cnpq.br/4940455922281803> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)
em.hernandes@unesp.br


Mariana Vitorino Rossi


<https://orcid.org/0000-0001-9459-9584> 

<http://lattes.cnpq.br/4588100123358437> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)
mariana.vitorino@unesp.br


Rita de Cássia Malagi


<https://orcid.org/0000-0002-7856-6130> 

<http://lattes.cnpq.br/8464613872584471> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)
ritadecassiamalagi@gmail.com

Milton Vieira do Prado Júnior

<https://orcid.org/0000-0002-1261-6182> 

<http://lattes.cnpq.br/8995642841616412> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)
milton.vieira@unesp.br

Resumo


Devido a pandemia do COVID-19, professores e alunos tiveram que se adequar a uma nova realidade, a do ensino remoto. Após esse período de adaptação, veio o retorno às aulas presenciais, onde todos os professores se depararam com novos desafios. Esse trabalho tem por objetivo relatar a experiência de docentes de Educação Física frente a essas problemáticas. A metodologia utilizada foi pesquisa qualitativa do tipo exploratória via Google Formulário, onde três professoras desta disciplina, no Ensino Fundamental público, de três municípios do interior do estado de São Paulo responderam sobre sua experiência profissional durante tal período. Diante disto foi realizada a síntese dos relatos obtidos. O início das atividades remotas foi marcado por dúvidas e incertezas, era algo novo para todos os envolvidos nesse processo (professores, alunos, pais, gestão). Especialmente para nós, professores de Educação Física, foi um grande desafio, uma vez que nossa área demanda experiências corporais constantes. Nos vimos diante de uma tela, com o desafio de elaborar aulas e transmiti-las de forma online. Por mais que os profissionais tenham se desdobrado e dedicado tempo, estudo e recursos muitas vezes próprios para ofertar atividades atrativas e adaptadas de qualidade durante todo esse período a participação e retorno era baixo, desmotivando o profissional. Tal período impactou na vida e no aprendizado dos educandos, devido ao longo período sem frequentar a escola e participar ativamente das aulas de Educação Física, ocasionando grande perda de experiências motoras e sociais. O período subsequente foi no formato híbrido, dessa forma, tínhamos que ministrar aulas presencialmente e continuar atendendo os estudantes no ensino remoto, gerando sobrecarga, pois relatórios e planilhas eram cobrados, além dos documentos “convencionais” de acompanhamento. Outra problemática foi a necessidade de estratégias para realizar as práticas mantendo os protocolos de segurança contra o Covid-19, uma vez que não poderia ocorrer o contato físico, visando a segurança de todos. Um aspecto interessante desta retomada foi a quantidade de crianças presentes por sala; antes da pandemia estávamos acostumados a turmas com cerca de 35 alunos, no retorno inicial o número oscilava de 3 a 15. Com isso, observamos os aspectos positivos e negativos dessa quantidade reduzida: a atenção direcionada para cada estudante foi consideravelmente maior, viabilizando adaptações mais específicas às particularidades, o que se apresentou de extrema importância devido à realidade encontrada; entretanto, algumas atividades se tornaram de difícil execução por necessitarem maior número de participantes. Concluímos que a dificuldade de acesso, os interesses alheios aos estudos ou ausência no acompanhamento pelas famílias interferiram diretamente no aproveitamento deste período e o resultado da ausência das vivências desenvolvidas nas aulas de Educação Física evidenciou a importância deste componente curricular no desenvolvimento destes alunos.


Palavras-chave: Educação Física; Escola; Pandemia.



LEITURA, CÂMERA, AÇÃO: PROBLEMÁTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Perla Cristina Frangiotti Machado


<https://orcid.org/0000-0001-7785-3878> 


<http://lattes.cnpq.br/8313436332195201> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

perla@estudante.ufscar.br

Guilherme de Arruda Carvalho Freitas


<https://orcid.org/0000-0001-9629-0695> 


<http://lattes.cnpq.br/1979015991794065> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

guilhermefreitas@estudante.ufscar.br

Dayanna do Carmo de Abreu Magalhães

<https://orcid.org/0000-0002-7387-6092> 

<http://lattes.cnpq.br/7669241900494568> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

dayanna.abreu@estudante.ufscar.br

Resumo


Este trabalho é um relato de experiência vivenciado pelos autores enquanto mestrandos do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede (ProEF), polo UFSCar. Professores com realidades distintas, porém, com muitas situações em comum reconhecidas como “Problemáticas da Educação Física Escolar”. Pois este é o nome da disciplina que propiciou discussões pertinentes ao dia a dia na escola: aspectos legais, atuações docentes, evasões, indisciplina, entre outros. Como produto final foi solicitada uma atividade elaborada em grupo que sintetizasse os temas desenvolvidos neste período em forma de vídeo (*whiteboard*) ou mapa conceitual. Coincidentemente, na semana anterior, uma das autoras, foi comunicada pela direção da escola particular que leciona sobre o recebimento de algumas mensagens de responsáveis por estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. Nas mensagens, a Educação Física era considerada menos importante que outros componentes curriculares, solicitando que as aulas fossem substituídas por outras como Língua Portuguesa e Geografia. Além disso, comentavam que a professora deveria parar de solicitar materiais diversos para as aulas e ministrá-las apenas com movimentos e exercícios corporais. Esta situação corrobora a fala de Darido e Impolceto (2020) ao afirmar que a comunidade escolar, bem como a sociedade de maneira geral, tem dificuldade em reconhecer o professor de Educação Física e suas aulas como parte integrante do Projeto Político Pedagógico da escola. Ao se reunirem para realizar o trabalho final, os professores decidiram utilizar as mensagens recebidas como ponto de partida para explorar os diversos temas da disciplina (histórico e trajetória, relações entre o “ensinar a fazer” e o “ensinar sobre o fazer”, a ênfase na cultura corporal de movimento em relação a visão esportivista, afastamento, dispensa e indisciplina, questões de gênero e segregação e perfis de atuação docente) no contexto de uma visão retrógrada e de desvalorização da Educação Física Escolar. O trabalho concretizou-se em um vídeo na técnica *whiteboard* (disponível em: <https://youtu.be/8myMtUFrreU>) com enredo fictício que combinou a vivência dos autores com a base científica estudada na disciplina. Portanto, O processo de discutir, planejar e elaborar o vídeo sobre as problemáticas da Educação Física mostrou-se muito rico, permitindo potencializar as relações entre os estudos realizados na disciplina e nossa prática docente diária. A partir do material produzido, esperamos que outros docentes também sejam levados a refletir sobre sua realidade e intervir positivamente em seus locais de atuação para garantir maior valorização à Educação Física enquanto componente curricular. Além disso, esperamos que esta produção auxilie os docentes na sensibilização da comunidade escolar. A fim de galgarmos uma Educação Física Escolar mais valorizada e com mais qualidade.


Palavras-chave: Educação Física; Escola; Cultura Escolar.



“MEUS PAIS BRINCARAM COMIGO” – UM RESGATE DE JOGOS E BRINQUEDOS POPULARES

Leda Maria Florencio Dias

<https://orcid.org/0000-0001-5603-3635> 

<http://lattes.cnpq.br/0139985845709053> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

leda.dias@unesp.br

Resumo


Brinquedos e jogos populares possuem o caráter de patrimônio cultural, sendo transmitidos de geração para geração. Brincar faz parte do desenvolvimento humano, e resgatar jogos e brinquedos que não emitem sons, feitos de plástico ou madeira, pode despertar o interesse de uma criança e corroborar para seu desenvolvimento. Observando a necessidade de maior envolvimento de toda comunidade escolar no processo de ensino aprendizagem, esse trabalho teve por objetivo fortalecer vínculos familiares através do brincar, agregando a simplicidade e a riqueza dos brinquedos populares ao envolvimento familiar, no desenvolvimento cognitivo, socioemocional e motor das crianças. Assim, apresentei imagens de brinquedos populares para alunos do 3º e 4º anos do Ensino Fundamental I, identificando quais brinquedos eram conhecidos e quais eles gostariam de brincar. Confeccionamos brinquedos como vai e vem, jogo de boliche e bilboquê, enquanto outros como: ioiô, corda, pega vareta, beyblade e pião foram adquiridos prontos. Os alunos puderam manusear, explorar e aprender efetivamente a brincar durante as aulas de Educação Física. Após familiarizar os alunos com os brinquedos, mediante autorização da equipe gestora, foi enviado termo de consentimento aos responsáveis pelos alunos, explicando que uma caixa contendo os brinquedos já mencionados seria enviada para casa de cada aluno que tivesse autorização para isso, permanecendo em sua casa por três dias, durante os quais poderiam brincar à vontade com seus familiares. Houve então um processo de conscientização sobre os cuidados necessários com a “Caixa de brinquedos”, pois todos os alunos levariam a mesma caixa, havendo um revezamento. Cada sala participante do projeto teve sua própria caixa. Foi esclarecido que não havia obrigatoriedade em autorizar, pois a “caixa de brinquedos” deveria ser utilizada em momento de socialização lúdica familiar. Alguns responsáveis não autorizaram a participação alegando que os brinquedos poderiam estragar em suas casas. Porém, a maioria que levou a caixa de brinquedos para casa relatou a realização das brincadeiras com seus pais e/ou irmãos mais velhos, muitos com alegria pelo momento vivido conforme algumas falas: “Meu pai amou as bolinhas de gude, brincamos muito!”; “Até minha mãe pulou corda, foi muito divertido”; “Minha mãe vai comprar um pião!”; “Foi a primeira vez que todo mundo brincou junto lá em casa!”. Verificou-se que houve participação efetiva no brincar em família, de acordo com os relatos dos alunos. Os alunos registraram o projeto através de desenhos e fizemos uma exposição para ser apreciada pelos responsáveis, aproveitando a presença destes em dia marcado para reunião escolar. Foi colocado em pauta e exposto a importância da interação que foi efetivada com a “caixa de brinquedos”, o quanto as crianças sentiram-se felizes e a importância da presença e envolvimento familiar em todas as fases e aspectos do desenvolvimento infantil. Por fim, vemos que através do brincar ocorreu um trabalho de conscientização e aproximação familiar, possibilitando melhorar o desenvolvimento integral do educando.


Palavras-chave: Educação Física; Brinquedos; Jogos Populares; Lúdico; Família.



O DESAFIO COMO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM AULAS REMOTAS DURANTE A PANDEMIA

Bruno da Silva Pinto

<https://orcid.org/0000-0001-9770-6496> 

<http://lattes.cnpq.br/9773800608902384> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

brunodrhsme@gmail.com

Resumo


Assim que a Organização Mundial da Saúde declarou que estávamos vivendo uma pandemia, todas as escolas brasileiras fecharam suas portas. Tão instantâneo quanto o fechamento das escolas, foi a mudança brusca na forma de lecionar, migrando do ensino presencial para o ensino remoto, um território absolutamente desconhecido de professores e alunos da Educação Básica. Dessa forma, o presente texto tem como objetivo relatar formas de planejamento, avaliação, organização de recursos e a participação dos alunos em práticas realizadas nas aulas de Educação Física com turmas do Ensino Fundamental (4º, 5º e 6º anos) durante a pandemia numa escola municipal de educação básica de Cuiabá, MT. Por ser uma escola pública e a maioria dos alunos terem poucos recursos, escolheu-se como instrumento de comunicação para as aulas, apenas o aplicativo *Whatsapp*. O planejamento das aulas foi idealizado de maneira que os alunos realizassem atividades que permitissem maior movimentação por parte dos estudantes, considerando a necessidade da menor quantidade de materiais possíveis, e que esses materiais, caso necessários, fossem facilmente encontrados ou adaptados dentro das residências dos estudantes, evitando ao máximo que os alunos e seus responsáveis precisassem sair de suas casas, contribuindo assim para o distanciamento e isolamento social. Quanto a organização da estrutura das aulas, normalmente procurávamos gravar um vídeo introdutório contextualizando o tema da aula, apresentando aspectos históricos, curiosidades e/ou regras principais, produzíamos um outro vídeo explicando como os alunos poderiam desenvolver a atividade a ser realizada e as adaptações que poderiam fazer. Além desses dois vídeos, encaminhávamos um material escrito, com todas as informações de ambos os vídeos e contendo algumas ilustrações sobre o tema da aula, de maneira que os alunos que não tivessem acesso à internet com boa velocidade ou dados suficientes para assistir os vídeos, pudessem, a partir das informações daquele texto, realizar as atividades. A intenção nos primeiros meses de aula foi de unir a família, aproximar mais os pais e/ou responsáveis dos alunos e incentivá-los a brincarem juntos, considerando que a evolução digital têm deixado as pessoas mais distantes presencialmente, e isso também tem refletido dentro das famílias, mas, sem perder de vista o objetivo principal do componente curricular, apresentando os conteúdos em suas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, buscando estimular os alunos e, conseqüentemente, sua família, para refletirem sobre as diversas possibilidades da cultura corporal do movimento. A avaliação dos alunos se desenvolveu de forma somativa, ou seja, todas as atividades encaminhadas contaram para determinar o conceito final em cada bimestre. Foi e tem sido um grande desafio organizar e planejar aulas sem a presença física dos alunos, mas entendemos também, que sairemos mais preparados e com a criatividade aguçada, tendo em vista a necessidade de nos reinventarmos o tempo todo para dar conta de oferecer práticas corporais que permitam aos nossos alunos compreender esse universo vasto de possibilidades que seus corpos podem acessar.


Palavras-chave: Aulas Remotas; Desafios Educacionais; Educação Física.



ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Carlos Eduardo Vaz Lopes


<https://orcid.org/0000-0002-6922-7604> 


<http://lattes.cnpq.br/4106062506820804> 

Univeritas (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

efcarloslopes@gmail.com

Arlindo Fernando Paiva de Carvalho Junior

<https://orcid.org/0000-0002-5041-8232> 

<http://lattes.cnpq.br/0164159801559754> 

Instituto Benjamin Constant (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

afjr18@hotmail.com

Resumo


O presente texto expressa parte de um saber de experiência por meio da narrativa autobiográfica, tendo como objetivo compartilhar práticas do cotidiano das aulas de Educação Física junto a estudantes com deficiência visual (DV), em que a Orientação e Mobilidade (OM) foi desenvolvida de forma transversal, junto a outras temáticas do currículo para possibilitar ao estudante com DV mais autonomia no ir e vir das atividades. Este saber de experiência é fruto das reflexões e (re)significações sobre a prática pedagógica nas aulas de Educação Física junto a estudantes com DV, da educação infantil ao ensino fundamental do Instituto Benjamin Constant – Centro de Referência Nacional em Deficiência Visual. A OM se expressa nas aulas de Educação Física de forma tímida e, muitas vezes, sem o conhecimento do professor, porém uma vez que suas técnicas e conceitos são construídos pelos docentes e estudantes, pode-se utilizar os conhecimentos da OM de forma intencional facilitando a participação do estudante com DV nas atividades. Descrever todo o ambiente de aula, promover atividades de (re)conhecimento do espaço, trabalhar com objetos e pontos de referência, ensinar técnicas para pegar objetos, sentar, guiar-se, conhecimentos sobre o corpo. Um conjunto de saberes que contribuem para a construção do mapa mental do estudante com DV, melhorando sua autonomia, mobilidade e, conseqüentemente, sua confiança, participação e interação nas aulas. Percebemos que, a OM não é só um conhecimento técnico e específico para ser desenvolvido de forma fragmentada e isolada, mas um saber que se desenvolvido junto a outras temáticas do currículo pode potencializar as participações dos estudantes com DV nas atividades, tornando as aulas de Educação Física escolar mais inclusivas e democráticas.


Palavras-chave: Orientação e Mobilidade; Deficiência Visual; Educação Física.



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: UNIDADE DIDÁTICA A PARTIR DE UMA SITUAÇÃO PROBLEMA

Guilherme Salvador

<https://orcid.org/0000-0002-4711-8773> 

<http://lattes.cnpq.br/4566541229987042> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

guilhermesalvador@estudante.ufscar.br

Resumo


O relato de prática diz respeito ao desenvolvimento de uma sequência didática com a unidade temática práticas corporais de aventura (PCA) nas aulas de Educação Física para alunos do quarto ano. Por se tratar de uma escola periférica que recebe alunos de baixa renda num ambiente periférico da cidade de São Paulo foi diagnosticado e consta no PPP que a maioria dos lares são de poucos cômodo e sem espaço para lazer, nesse sentido, observou-se grande predisposição dos alunos em explorar os ambientes escolares que são amplos, predominantemente em momentos de intervalo, porém, tais explorações eram repreendidas por mecanismos disciplinares, com isso, espaços verdes, arborizados e próximo a um morro dentro do terreno escolar eram proibidos. Essa proibição era justificada pela necessidade do controle sobre os alunos e o receio dos alunos se machucarem na exploração. Com esse cenário observado, as aulas de Educação Física no terceiro bimestre de 2019 iniciaram com uma sequência didática contendo 8 aulas com o tema Le Parkour, que teve a roda de conversa como ponto de partida para entendimento do fenômeno. Essa roda de conversa trouxe reflexões diversas e foi mencionado uma possível solução através da tematização do Le Parkour. Dessa forma, foi elaborado inicialmente percursos com desafios corporais, que tinha parte de equilíbrio (andar sobre uma mureta), uma parte de resistência (ultrapassar o alambrado rumo ao morro), uma atividade de força (os alunos deveriam subir uma escada de concreto), depois saltar, por fim deveriam descer um pedaço do morro e aguardar. Observou-se diversidade nas habilidades inerentes aos desafios e diferença de ritmo de execução, porém cada conquista foi muito comemorada e a emoção de passar por alguns estágios era visível, outro fato que chamou a atenção foi a questão da colaboração, não havia pior e melhor, os alunos se ajudavam para todos completarem o processo e por fim, muitos alunos que demonstravam pouco interesse em aulas esportivas, demonstraram protagonismo e habilidade em vencer os desafios. As etapas seguintes foram organizadas da seguinte forma: a) Discussão sobre segurança e responsabilidade nas ações corporais relacionados ao Le Parkour; b) criação de atividades de Le Parkour pelos alunos de acordo com seu universo de interesse, c) Percursos de Le Parkour criado e organizado por grupos de alunos e vivenciados por todos, d) vivências exploratórias corporais dos espaços escolares, e) Festival de apresentação de atividades corporais com o tema: "OLHA O QUE EU SEI FAZER?". A unidade didática permitiu romper barreiras físicas contidas na escola e aprofundou conceitos das práticas de aventura, trouxe reflexões sobre o porquê de algumas repressões e deu possibilidades dos alunos explorarem com segurança, autonomia, protagonismo e de forma artística. Essa sequência didática foi socializada em espaços coletivos e a escola começou a ter outro olhar em relação a exploração de espaços.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Currículo; Diversidade.



“PROFESSORA, ENTÃO VAMOS DE INDIVIDUAL E DEIXA A CEREJA DO BOLO PARA O FINAL”: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DO ATLETISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Valéria Sousa de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0001-9343-3267> 

<http://lattes.cnpq.br/6112142147191084> 

Secretaria Municipal de Educação de Suzano (Suzano, SP – Brasil)

valeriaandrioli@hotmail.com

Resumo


Sabe-se que a Educação Física escolar é um componente que trata dos conhecimentos da cultura corporal, sendo eles, esportes, jogos, brincadeiras, lutas, danças e ginásticas (BNCC, 2017). Neste contexto foi desenvolvido um trabalho no primeiro bimestre de 2019 com as turmas de quartos e quintos anos do ensino fundamental I com o tema de atletismo por meio do planejamento participativo. Primeiramente as crianças tiveram oportunidade de falar sobre tudo o que conheciam sobre o tema em rodas de conversa, trazendo à tona suas experiências anteriores. Na sequência foram apresentadas, através de vídeos na internet, as diversas modalidades de corridas, saltos e arremessos existentes neste esporte. As crianças identificaram que se tratava de um esporte individual. Após esta introdução ao tema começamos as vivências. Experimentamos corridas de velocidade, resistência, de revezamento, com barreiras, saltos em distância, triplo, em altura. Nesta fase conversamos bastante sobre as capacidades físicas velocidade, resistência e agilidade. Quando chegamos à parte dos arremessos marcamos um dia para confeccionar os equipamentos com materiais recicláveis. Utilizamos uma aula para pesquisar na internet como poderíamos fazer essas confecções e dividir os grupos e quais materiais deveríamos trazer para a próxima aula. Na aula seguinte, com materiais em mãos, confeccionamos os equipamentos disco, dardo, martelo e peso. Após esta etapa fomos testar os equipamentos e as capacidades físicas. Os alunos evidenciaram que a força é a principal capacidade física neste caso. Terminamos o tema com uma visita ao estádio municipal de Suzano que possui uma pista de atletismo com dimensões oficiais para a prática esportiva. Lá as crianças puderam experimentar tudo que aprenderam nas aulas e puderam expressar como poderiam utilizar fora da escola os conhecimentos utilizados. Os objetivos foram reconhecer o atletismo como manifestação da cultura corporal, desenvolver o protagonismo de diversas formas como momentos de expressão, conceituação, execução e autoavaliação da sua aprendizagem, trabalhar os diversos elementos atitudinais do esporte como regras, respeito às regras e aos demais, trabalhar o preconceito, criar possibilidades alternativas da prática do atletismo de acordo com o contexto e transportar esses conhecimentos para outros momentos da vida além do escolar, desenvolver estratégias individuais e em grupo no esporte, identificar em outros esportes os elementos do atletismo (corrida, salto e arremesso), reconhecer suas potencialidades e limitações propondo soluções alternativas para a prática de todos (BNCC, 2017). Esta transformação didático-pedagógica do esporte vem de encontro com os objetivos da escola que prepara seu aluno para ser um cidadão autônomo em relação a sua existência, que consegue analisar seu contexto social e elaborar meios de vivenciar as diversas manifestações da cultura corporal como melhor desejar, além de ser agente de mudança de sua própria realidade colaborando com o respeito, a solidariedade e o combate a qualquer forma de discriminação (KUNZ, 2004).


Palavras-chave: Atletismo Escolar; Ensino Fundamental; Planejamento Participativo.



PROJETO DE INICIAÇÃO AO ATLETISMO ESCOLAR: UM EXEMPLO DE PARCERIA ENTRE AS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO E A SECRETARIA DE ESPORTES DA CIDADE DE LIMEIRA-SP

George Luiz Cardoso de Souza

<https://orcid.org/0000-0001-7997-1579> 

<http://lattes.cnpq.br/5445532849190054> 

Universidade Estadual Paulista (Rio Claro, SP – Brasil)

george.luiz@unesp.br

Resumo


O projeto de iniciação ao atletismo surgiu como uma proposta integrada ao currículo do programa de educação integral de duas escolas públicas de ensino fundamental do primeiro ciclo, situadas no Município de Limeira. É sabido da importância das brincadeiras, das atividades físicas e pré-desportivas no desenvolvimento biopsicossocial das crianças em idade escolar. Porém a imobilidade corporal nas crianças tem crescido acentuadamente nas últimas décadas, produto do desenvolvimento das cidades e diminuição dos espaços naturais, como as várzeas, rios, campos, e dos espaços sociais e de convivências, como ruas e praças. Além da diminuição dos espaços de lazer e convivência, o desenvolvimento das tecnologias contemporâneas, como vídeos games, celulares e redes sociais, tem contribuído para a diminuição do repertório motor das crianças e adolescentes na atualidade. As consequências do baixo desenvolvimento motor das crianças, irão repercutir no indivíduo adulto, já que é na fase da primeira infância que se desenvolvem as capacidades físicas que irão dispor até o envelhecimento. O principal objetivo foi aumentar ampliar a cultura corporal dos alunos e aumentar seu repertório motor, visando a educação integral. O atletismo é uma modalidade esportiva que é base para a maioria dos esportes, além de trabalhar com as habilidades motoras básicas do ser humano, como saltar, correr e arremessar. Também tem como objetivo o desenvolvimento da saúde e estimulando hábitos saudáveis desde a infância, além de auxiliar no processo educacional através de atividades interdisciplinares. Baseando-se nos conceitos da pedagogia do esporte e educação física escolar, as aulas foram desenvolvidas com os princípios da inclusão, através da diversificação de atividades, em que todos os alunos, independente de biótipo e diferenças de habilidade físicas, pudessem realizar. O sistema de rodízios de estações foi utilizado, de forma que em uma mesma aula, cada aluno teve a possibilidade de executar tarefas envolvendo diferentes habilidades e capacidades físicas. Paralelamente, conceitos matemáticos como a medição de distancias, os pesos dos objetos arremessados, conceitos sociais como respeito as regras e socialização e conceitos psicológicos como autossuperação e autoestima foram estimulados. É perceptivo o ganho quantitativo em todas as capacidades física dos alunos, como resistência, velocidade, força e agilidade. E qualitativamente pude perceber uma maior interação entre os alunos, a melhora na autoestima de alunos menos habilidosos que no início do projeto se recusavam a participar, uma melhora no comportamento social dos alunos, e maior comprometimento com as aulas. O projeto de iniciação demonstra-se como um caminho viável para aumentar o tempo das crianças em idade escolar sob o processo educativo, utilizando as ferramentas do esporte para educar para a cidadania. Além de observar potenciais alunos que podem seguir o caminho do esporte de alto rendimento e representar o município em competições.


Palavras-chave: Atletismo; Educação Física Escolar; Esporte Educacional.



PROJETO “SORRIA: NOSSO CIRCO É SÓ ALEGRIA”

Iago Santos Barreto


<https://orcid.org/0000-0003-2662-3516> 


<http://lattes.cnpq.br/9485177641155311> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, SP – Brasil)

iagocarleto707@gmail.com

Luan de Souza Villa


<https://orcid.org/0000-0002-3898-0257> 


<http://lattes.cnpq.br/8922263287380091> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, SP – Brasil)

luan2098@hotmail.com

Núbia dos Santos Alves

<https://orcid.org/0000-0002-6908-3049> 


<http://lattes.cnpq.br/8830215018150473> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, SP – Brasil)

nubia.alves@edu.ufes.br

Susana da Rocha Louzada

<https://orcid.org/0000-0002-9968-8006> 

<http://lattes.cnpq.br/8810399673183437> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, SP – Brasil)

susanalouzada@hotmail.com

Resumo


O projeto “Sorria: nosso circo é só alegria” teve como um dos objetivos promover uma educação que combate o racismo, ainda existente nos ambientes educativos e aproximar as práticas circenses da realidade da Educação Infantil proporcionando às crianças, no decorrer do ano letivo, Experiências de movimento corporal do âmbito circense como: equilibrismo, malabarismo, acrobacias de solo e aéreas, contorcionismo. Antes da leitura do relato é preciso considerar a história do circo no contexto étnico-racial. O circo é uma das organizações artísticas mais antigas da história da arte popular, na passagem dos séculos XIX e XX mulheres e homens africanos foram explorados como “bizarros” atrações circenses, em nome do entretenimento. No fim do século XX o negro era ainda representado por um estereótipo de “cachaceiro” e “malandro”. Um dos desafios do projeto foi desenvolver uma proposta didática promotora de igualdade racial, visto que a história nos mostra que o circo contribuiu com a falsa democracia racial brasileira. Neste relato fazemos um recorte do projeto desenvolvido no Centro Municipal de Educação Infantil Darcy Castello de Mendonça, localizado em Vitória/ES, com crianças de 6 meses a 5 anos, no ano de 2013 e revelamos como foi abordada a temática étnico-racial. Buscando valorizar personalidades negras que contribuíram com a história do circo no Brasil, a professora apresentou Benjamim de Oliveira, primeiro palhaço negro do Brasil e exibiu para as crianças a sua história de vida, através do curta “Heróis de todo Mundo” realizado pelo projeto “A Cor da Cultura”. A partir daí, o palhaço, representado por um fantoche, acompanhou os atos de ensino da professora. Ele brincou capoeira com as crianças e isso foi bem significativo, pois, apesar de a capoeira ser reconhecida como Patrimônio Imaterial da Humanidade e considerada símbolo de resistência cultural, a sua prática é marca de cultura negra e ainda sofre preconceito dentro dos espaços escolares. Por tanto, consideramos que é função social do CMEI, dos professores e professoras romperem com a falsa ideia de que não há desigualdade racial no Brasil, por isto, projetos de ensino como esse que valorizam a história e a cultura negra, contribuem para combater a estrutura racista vigente na sociedade brasileira.


Palavras-chave: Educação Física na Educação Infantil; Experiências de Movimento Corporal; Atividades Circenses.



QUEBRA CABEÇA EM 3D PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Arlindo Fernando Paiva de Carvalho Junior


<https://orcid.org/0000-0002-5041-8232> 


<http://lattes.cnpq.br/0164159801559754> 

Instituto Benjamin Constant (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

afjr18@hotmail.com

Carlos Eduardo Vaz Lopes

<https://orcid.org/0000-0002-6922-7604> 

<http://lattes.cnpq.br/4106062506820804> 

Univeritas (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

efcarloslopes@gmail.com

Resumo


O presente texto tem como objetivo compartilhar a experiência realizada junto a estudantes com deficiência visual (DV), nas aulas de Educação Física da Educação Infantil do Instituto Benjamin Constant – Centro de Referência Nacional em Deficiência Visual. O conhecimento sobre o corpo é essencial a todos os estudantes e, atividades que estimulem a construção desses saberes é essencial. No caso de pessoas cegas, que não conseguem ver sua imagem no espelho nem corpo do outro por meio do sentido visual, outras formas de ver o corpo tornam-se importante de serem desenvolvidas para estimularem outros sentidos na construção de conhecimentos sobre o corpo. A construção da imagem e esquema corporal também auxilia sua orientação no espaço e tempo, sua mobilidade, contribuindo para autonomia do estudante. Nessa experiência, específica, realizamos a construção de um quebra cabeça em três dimensões (3D) com três bonecas de diferentes cores e tamanhos. Foram separados os membros e cabeças dos troncos e colocados velcros e imãs nas extremidades cortadas para que pudéssemos realizar o encaixe das peças. Foram várias tentativas para acharmos o melhor material para utilizarmos na construção do quebra cabeça. Após o quebra cabeça pronto o jogo passou a ser utilizado com estudantes por meio de várias dinâmicas em que eles precisavam encaixar os membros e as cabeças nos troncos das bonecas certas. Percebeu-se que o quebra cabeça em 3D contribuiu para que os estudantes com DV pudessem compreender as partes do corpo.


Palavras-chave: Deficiência Visual; Educação Física; Jogo em 3D.



TEMATIZANDO O HÓQUEI NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Eduardo Manzano Sorroche

<https://orcid.org/000-0001-5540-9936> 

<http://lattes.cnpq.br/6164497000585351> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

eduardo.manzano@unesp.br

Resumo


O presente relato foi desenvolvido com a turma do 5º ano da EMEF Dom Walter Bini, do município de Lins (SP). Após realizar um diagnóstico, no início do ano de 2018, sobre as práticas corporais que os alunos mais têm contato nos momentos extraescolares constatamos que alguns alunos praticam atividades esportivas e de ginástica em projetos no período contrário da escola, outros realizam brincadeiras e jogos em sua comunidade e uma pequena parcela pouco realiza atividades físicas, tendo no caso só a escola para realizar atividades corporais. Além disso, foi constatado que a maior experiência corporal fora da escola é com atividades com bola – vôlei, futebol, basquete. Após esse diagnóstico, realizamos um levantamento de quais conteúdos os alunos gostariam de aprender nas aulas de Educação Física. Isso serviu para que pudesse propor conteúdos com base em atividades pouco vivenciadas, mas capazes de despertar o interesse dos alunos. As crianças deram várias sugestões de atividade: dança, parkour, jogos com taco, skate e peteca, entre outros. Optei por iniciar pelos “jogos com taco” porque estávamos no mês de realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Inverno. Utilizei recursos multimídia para aprofundar o conhecimento da turma a respeito dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Inverno. Na sequência, pedi a eles que pesquisassem e realizassem, em grupos, cartazes para aprofundar os conhecimentos sobre o Hóquei. Reunimos os trabalhos para uma exposição no pátio da escola e após a apresentação, proporcionei aos alunos a vivência do hóquei usando materiais adaptados. Utilizamos canos de PVC com uma curva na ponta para facilitar a condução da bola. Para iniciar a experimentação, desenvolvi atividades e brincadeiras de familiarização com o taco no próprio pátio da escola, de maneira individual, em duplas e em grupos. Ao final, realizei rodas de conversa a respeito do que os alunos sentiram na vivência, do que gostaram e não gostaram, e sobre o que poderia ser melhorado. Depois do primeiro contato com o esporte, organizei minijogos de hóquei. Expliquei os comandos essenciais e deixei que os alunos indicassem o número de jogadores em cada equipe, as regras, o momento de término do jogo, e reforcei que todos os alunos teriam que participar. Tínhamos uma aluna cadeirante na turma e adaptei o taco, utilizando dois tacos, para ficar maior. Os alunos com síndrome de Down e com deficiência intelectual também participaram por meio de estímulos verbais. Abordamos também o hóquei paralímpico, tanto em vídeos, quanto em experimentos práticos. Por fim, recebi apoio significativo da equipe gestora para a sequência didática, como a aquisição dos materiais, o que contribuiu para o êxito da mesma. Apesar dos desafios, como espaço limitado para as aulas de Educação Física, este trabalho foi muito significativo e enriquecedor tanto para mim quanto para os alunos, que além dos conhecimentos práticos, adquiriram também saberes conceituais e atitudinais, imprescindíveis para a formação integral, autônoma e democrática.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Escola; Aluno; Ensino e Aprendizagem.



TÊNIS E OUTROS BRINQUEDOS COM RODINHAS: LEGAL NA RUA, MAIS AINDA NA ESCOLA

Rogério Rodrigo Brambila

<https://orcid.org/0000-0002-8253-9071> 

<http://lattes.cnpq.br/5756168056253362> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

rrbrambila10@gmail.com

Resumo


A escola produz e reproduz cultura, e naturalmente recebe as práticas da cultura corporal da comunidade onde está inserida. Fiquei perplexo quando começou a chegar um monte de crianças com tênis de rodinhas na escola e as brigas constantes com a direção pedindo para que eles não brincassem com isso na escola. Vi aí uma oportunidade de aprendizado das práticas corporais com rodinhas como o skate, patins, patinete, carrinho de rolimã, e no caso principalmente, o tênis de rodinhas. Ao tematizar essa prática, o objetivo foi que os alunos conhecessem, vivenciassem, ressignificassem, compartilhassem os brinquedos e desenvolvessem uma consciência crítica a respeito do uso correto e seguro desses brinquedos. Em reunião com a coordenadora da escola e com a diretora, foi definido que faríamos com a escola toda, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, por volta de 280 alunos. Inicialmente, uma conversa com os alunos para ver o que eles sabiam sobre esse tipo de brinquedo, se eles tinham, etc. Passamos então para a fase seguinte que era combinar as regras que deveriam ser respeitadas no dia da vivência. Os alunos dos quintos anos elaboraram cartazes para fixar na escola com essas regras. Como trabalho numa escola de período integral, conversamos com professores do ensino regular para alterar o horário da Educação Física do período da manhã, para ficar igual à do período da tarde, para que as crianças pudessem vivenciar as brincadeiras o dia todo. Foi feito bilhete para os pais dizendo o que ia ser feito nesse dia. Na semana em que eles levaram os brinquedos foi muito bom, uma experiência incrível, pois puderam experimentar não só o brinquedo que tinham, mas trocavam entre si e ajudavam uns aos outros. Alguns alunos que tinham mais que um desses brinquedos, também trouxeram para compartilhar com os colegas que não tinham para que todos brincassem. Durante a aula, uma aluna que tinha levado dois patins, doou um para uma colega que o brinquedo estava apertado. Essa aluna que ganhou os patins deu o seu para outra que não tinha. Depois das vivências, comecei a trabalhar com os alunos alguns vídeos dos fabricantes de brinquedos de rodinhas, reportagem televisivas, entrevistas com ortopedistas e fisioterapeutas, explicando como deveriam usar esse brinquedo na rua ou no shopping, da importância do uso de equipamentos de segurança para prevenção de acidentes, quantidade de horas de uso por dia, etc. Deu tudo certo, as crianças entenderam principalmente como deveria ser o uso do tênis de rodinhas e não tivemos mais problemas na escola. Em vários momentos durante esse processo tive que mudar o que tinha pensado, para que as aprendizagens acontecessem mais e melhor, na pesquisa e registro com os alunos, nas conversas com os professores e com a direção, durante as aulas práticas, enfim, sempre repensando as ações e intervenções com eles.


Palavras-chave: Brinquedos; Tênis; Rodinhas.



VOLEANDO NA ESCOLA

Fernanda Silva dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-0588-0006> 

<http://lattes.cnpq.br/6343489834198031> 

Secretaria Municipal de Educação de Serra (Serra, ES – Brasil)

fernanda.santos.24@edu.ufes.br

Resumo

O voleibol é uma modalidade desportiva muito trabalhada no ambiente escolar, pois auxilia no desenvolvimento de crianças e adolescentes, uma vez que explora diversos movimentos corporais do estudante, além de ser um meio de socialização entre meninos e meninas que podem estar vivenciando essa prática juntos. Em minha prática docente sempre percebi um certo receio por parte dos estudantes a respeito do voleibol por achá-lo um “esporte difícil”, uma vez que exige mais técnica para sua execução. Com base nisso comecei a propor atividades lúdicas que utilizassem alguns movimentos utilizados no voleibol para que os estudantes se familiarizassem com tais gestos motores, a fim de minimizar o estranhamento pelo desporto, e estimulasse o seu interesse. Mediante isso, desenvolvi um projeto baseado no jogo “Resgate”, onde os estudantes brincariam de “volar”, sem a pretensão de jogar o desporto, apenas brincarem com seus elementos. O objetivo do projeto era realizar a familiaridade de alguns fundamentos do vôlei como saque, recepção, levantamento, toque e manchete até então desconhecidos pelos alunos, de forma lúdica por meio de jogos e brincadeiras, para que tal esporte possa ser estudado futuramente sem tantos receios por parte dos estudantes. O projeto foi realizado na EMEF “Antônio Vieira de Rezende”, localizada no bairro Central Carapina, no município de Serra/ES, durante o 3º trimestre letivo do ano de 2019, com 6 turmas de 3º ano do ensino fundamental, do turno vespertino. Tal projeto foi desenvolvido em 6 etapas: A primeira foi uma conversa sobre o conhecimento dos estudantes a respeito do vôlei e explicação do projeto. A segunda etapa consistiu na execução do jogo “Resgate” na sua forma padrão. Na terceira etapa, denominada pelos estudantes como “Resgate 2: A Missão”, o fundamento toque foi incorporado ao jogo. A quarta etapa denominada “Resgate 3: O desafio”, o toque foi substituído pela manchete na execução do jogo. Já na quinta etapa, “Resgate 4: O duelo final”, tanto o toque quanto a manchete eram utilizados de acordo com a preferência dos estudantes. A sexta etapa foi a culminância do projeto em um torneio realizado na Semana das Crianças por sugestão dos próprios estudantes, assim como uma autoavaliação realizada pelos estudantes. Dentre os resultados observados ao final do projeto, podemos destacar a melhora no trabalho em equipe e cooperação, maior noção de espaço e posicionamento, superações individuais, desmistificação do desporto (voleibol), engajamento das turmas durante as aulas, e escolha do jogo “Resgate” para ser realizado na Semana das Crianças pelos estudantes. Por meio dos jogos, a educação física pode ensinar muito mais do que gestos, técnicas, táticas e outras habilidades específicas, pode estimular o crescimento e o desenvolvimento, a coordenação motora, a iniciativa individual, o trabalho em equipe e a cooperação, através de um caráter de novidade que existem nos jogos, que é fundamental para despertar o interesse da criança no seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Vôlei; Esporte.





Seção:
Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental



“ALÉM DOS MUROS ESCOLARES: UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA”

Ednara Araújo Nepomuceno

<https://orcid.org/0000-0002-9957-7613> 

<http://lattes.cnpq.br/8066964755414876> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)
narinhagt@outlook.com

Resumo


O projeto “Além dos muros escolares: Uma proposta para a Educação Física”, teve como objetivo conhecer e reconhecer espaços não escolares que podem ser meios de educação, tornando-os assim, locais sociais e culturais no auxílio do desenvolvimento dos/das estudantes. Neste sentido, é importante reconhecer que também existe educação nos espaços em torno da realidade de cada um deles/delas e como podem aproveitá-los para esse fim. Em 2019, estávamos trabalhando com o conteúdo ginástica na turma do 9º ano do fundamental II, e começamos a fazer levantamentos em quais espaços públicos e privados do bairro, no qual os/as estudantes residem, poderiam acontecer as práticas da ginástica (ressalto que os estudantes são de vários bairros diferentes). Apontei com eles/elas que locais como as praças, as academias populares, clube da terceira idade, ginásios esportivos e as academias particulares são espaços para tal prática corporal, e logo em seguida começamos a frequentar esses locais. Elegemos o bairro de Porto Canoa, Serra/ES, onde fica localizada nossa Unidade de Ensino Professora Iolanda Schneider Rangel da Silva. Primeiro fomos a academia popular na praça do bairro, e foi percebido que esse espaço também faz parte de uma outra realidade não educativa como a violência, vandalismo, venda /uso de droga e espaços para o consumo de bebidas alcoólicas. Começamos a refletir a importância de cuidar daquele ambiente para que pudéssemos aproveitá-lo da melhor forma possível, já que, as academias particulares muitas vezes não são acessíveis financeiramente para a população, vivenciamos e experimentamos exercícios de ginástica de condicionamento físico e alongamento. Posteriormente, conhecemos o Centro de Vivência Melhor Idade e conseguimos dialogar com algumas senhoras e senhores e percebemos o quanto aquele espaço era importante para a saúde física e mental daquele público específico. Por fim, consegui uma parceria muito importante e levei os/as estudantes para conhecerem a Academia particular Espaço Leonardo Rezende, neste local eles/elas tiveram a oportunidade de conhecer como é o seu funcionamento, quais as práticas que ali eram ofertadas, passearam pelos espaços, tiraram suas dúvidas e no final tiveram aula prática de ginástica (Step e funcional) com o Professor Ayrton Stussi. Portanto, consideramos que a educação pode ser feita e experimentada em outros locais e não somente dentro dos muros escolares, e que a função da Educação Física, por meio dos seus conteúdos, é conhecer e considerar a realidade dos estudantes e levá-los a perceber os significados e contribuições que a disciplina tem no desenvolvimento integral dos/das estudantes.


Palavras-chave: Educação Física; Atividades Pedagógicas Externas; Cidade Educadora.



A EXPERIÊNCIA DE UM TUTOR NO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL (PROEF)

Nathan Raphael Varotto

<https://orcid.org/0000-0002-6722-9083> 

<http://lattes.cnpq.br/8438677612084862> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

varotton@gmail.com

Resumo


Este relato de experiência versa sobre a atuação enquanto tutor da primeira turma do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) entre os anos de 2018 e 2020, atuei no polo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O PROEF é um Programa de Pós-Graduação presencial, com modelo híbrido, ou seja, ocorre parte com encontros presenciais e parte em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Mais do que dar foco a atuação enquanto tutor, trago para este relato a contribuição para formação no caminho da docência no ensino superior, decorrente da tutoria no PROEF. O objetivo é analisar e refletir as contribuições no caminho formativo da docência no ensino superior decorrentes da atuação como tutor do PROEF, polo UFSCar. Sendo este um relato de experiência, gostaria de ressaltar em consonância com Bondía (2002), que: “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p. 21), nesse ínterim, o percurso da tutoria foi algo que me passou, me aconteceu e me tocou, pois fora a minha primeira experiência aliada à docência no ensino superior e estando como educador-educando (FREIRE, 2011), tinha a responsabilidade de estar lendo e tecendo considerações sobre trabalhos, fóruns de discussão e atribuindo notas aos respectivos trabalhos dos/as estudantes, além de estar em constante diálogo com os/as estudantes e os/as docentes do polo. Havia muito trabalho e constantemente os/as docentes do polo relatavam que a mediação de tutoria contribuía, pois, o polo UFSCar era o único que contava com tutor; participava do planejamento dos encontros presenciais a fim de trazer a situação dos/as estudantes nas atividades do AVA e deste modo os/as docentes sabiam como conduzir da melhor maneira a aula, que inclusive sempre me convidavam para estar junto e isto também contribuiu muito para minha formação. Poder participar como tutor da primeira turma do PROEF, me possibilitou incorporar a experiência de planejar, atuar, conduzir, avaliar e construir um caminho na educação, mas sobretudo na Educação Física Escolar, que se dá e se faz com as pessoas comprometidas com esta área científica e epistemológica.


Palavras-chave: Tutoria; Mestrado Profissional; Educação Física Escolar.



A IMPORTÂNCIA DO AFETO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Camilo Araújo Máximo de Souza

<http://orcid.org/0000-0002-8607-4312> 

<http://lattes.cnpq.br/1699252999109720> 

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

camilomaximo@gmail.com

Resumo


Este trabalho tem como objetivo debater o papel do professor de Educação Física na escola pública brasileira a partir de um relato de experiência de vida profissional de um professor da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. As dificuldades encontradas por toda a comunidade que frequenta as escolas públicas brasileiras são enormes e interferem diretamente na qualidade do ensino oferecido aos alunos. As tentativas para solucionar ou minimizar estas dificuldades tem sido implementada de diferentes formas pelo poder público em diferentes regiões do país. Na minha atuação como professor de Educação Física, busquei diminuir este impacto negativo no processo ensino-aprendizagem causado pelas precárias condições de trabalho, apresentando propostas de trabalho que fizessem sentido para os meus alunos, desenvolvendo conteúdos que estimulassem o interesse e a participação de todos. Na minha caminhada como professor fui percebendo que a relação entre professor e alunos é fundamental para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, pude perceber que a construção de uma relação afetuosa, onde professor e alunos sentem-se bem no ambiente escolar permite alcançar melhores resultados. A relação de confiança e respeito entre professor e alunos cria um ambiente de maior estabilidade e harmonia permitindo que os alunos tenham maior confiança em expor as suas opiniões, em sugerir novas atividades e apoiar os colegas de classe, por exemplo. Dessa forma procurei ao longo do tempo desenvolver uma escuta mais sensível aos problemas que os alunos enfrentam nos seus cotidianos e compreendi que essas realidades muitas vezes de pobreza, violência e vulnerabilidade social interferem diretamente no rendimento escolar, desconsiderar isso pode dificultar ainda mais uma situação que já possui uma grande complexidade. A minha atuação durante a aula passou a ser mais assertiva à medida que eu possuía um maior conhecimento sobre os alunos das minhas turmas, essa aproximação com a realidade dos alunos tornou a nossa relação mais humanizada e muitas vezes pude perceber que os alunos não me viam apenas como uma pessoa que está na escola somente para transmitir um determinado conhecimento específico, mas, como alguém que pode contribuir para a sua formação como pessoa, alguém em quem eles podem confiar. Esta relação mais afetuosa refletia de forma positiva também na minha relação com a escola, que passou a ser um local mais agradável e acolhedor. A realidade das escolas públicas brasileiras precisa urgentemente de transformação em todos os níveis, permitindo melhores condições para os professores exercerem o seu trabalho de forma digna e potencializando o aprendizado dos alunos. Esta mudança não vem somente de fora para dentro da escola, ela pode e deve acontecer também de dentro para fora, ou seja, a partir de modificações nas relações entre toda a comunidade envolvida no ambiente escolar, mas principalmente na relação entre professor e alunos. Dessa forma acredito que a educação possa evoluir no país em todos os segmentos.


Palavras-chave: Educação Física; Afeto; Crianças; Adolescentes.



A PERSPECTIVA DOS(AS) ESTUDANTES SOBRE A NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ana Laura Bereta de Godoi


<https://orcid.org/0000-0002-6286-2744> 


<http://lattes.cnpq.br/9235468153295808> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

beretalaura@hotmail.com

Andresa de Souza Ugaya

<https://orcid.org/0000-0001-9864-5971> 

<http://lattes.cnpq.br/4952020883947768> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

andresa.ugaya@unesp.br

Resumo


As aulas de Educação Física, na escola, devem se constituir como um espaço de aprendizado e atender às necessidades educativas de todas as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. Mas, infelizmente, o que temos observado é que os(as) estudantes têm deixado de participar das aulas cada vez mais cedo. Partindo dessa problemática, fizemos a seguinte pergunta: por que os(as) estudantes deixam de participar das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental anos finais? Com essa indagação, a pesquisa teve como objetivo identificar quais são os motivos que levam o(a) estudante a não participação das aulas Educação Física. A pesquisa de abordagem qualitativa se orientou pelo método descritivo. O público participante são estudantes de 6.º ao 9.º ano de quatro escolas estaduais do interior paulista. Para o levantamento de dados foram utilizados três instrumentos: questionário, observações sistemáticas anotadas em diário de campo e entrevista. Os dados foram analisados seguindo o referencial teórico de categorias temáticas proposto por Gomes (2002), pelo qual emergiram três categorias: Dispositivos eletrônicos e sedentarismo – revelou um alto índice do uso dos celulares e fones de ouvido durante as aulas, bem como o uso de dispositivos eletrônicos até altas horas da madrugada nas residências; Gênero – apontou que a não participação das meninas é maior e os motivos são inúmeros (inabilidade, exposição dos corpos, desvalorização, chacotas, etc.) e Práticas pedagógicas e conteúdo – evidenciou que conteúdos repetitivos, falta de planejamento, postura do(a) professor(a) e aulas livres são, motivos que levam a não participação. De acordo com os estudos de Darido (2004), Pereira e Moreira (2005), a Educação Física é vista como o componente curricular que gera mais satisfação pelos(as) estudantes, mas no quesito importância, ela fica entre as últimas, o que foi confirmado através dos dados desta investigação. Precisamos estar mais atentos à participação do(a) estudante, suas necessidades e suas limitações. São várias as oportunidades para diminuir a não participação. Devemos ter uma atitude mais cuidadosa com o planejamento, estratégias, diversificação de conteúdos. Precisamos conscientizar o estudante de seu papel, necessitando se reconhecer como aprendiz, ser incentivado(a), olhado(a), pois se sentindo mais seguro(a), talvez seja capaz de se arriscar mais. Entendemos que a escola, gestão, secretarias, devem investir na formação continuada do(a) professor(a) que merece ser visto(a), escutado(a), e respeitado(a). Compreendemos que este fato é complexo e demanda uma força de vontade de várias instituições sociais. Cada situação deve ser analisada e dialogada pela gestão escolar, corpo docente e discentes, levando em consideração as características de cada turma e de cada estudante, para que assim seja possível diminuir a não participação que vem, cada dia mais, enchendo as arquibancadas e arredores da quadra.


Palavras-chave: Dispositivo Eletrônico; Atuação Docente; Gênero; Preconceito.



A PRÁTICA DA GINÁSTICA NO ENSINO REMOTO

David Leonardo de Oliveira Frutuoso


<https://orcid.org/0000-0001-6239-8374> 


<http://lattes.cnpq.br/8438408890201456> 

Universidade de Pernambuco (Recife, PE – Brasil)

david.leonardo@upe.br

Esdras Lucio Novaes de Souza

<https://orcid.org/0000-0003-4355-6255> 

<http://lattes.cnpq.br/2975386417518727> 

Universidade de Pernambuco (Recife, PE – Brasil)

esdras.lucio@upe.br

Resumo


Este relato é resultado de um trabalho realizado na disciplina Problemáticas da Educação Física, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, disciplina cursada durante o 1º semestre de 2021. A intervenção pedagógica se deu em meio ao cenário das aulas remotas, na unidade temática de Ginástica. Contexto pandêmico que dificulta a vivência de práticas corporais, seja no âmbito escolar ou fora dele, bem como a efetivação de um trabalho pedagógico que não dissocie teoria e prática, buscamos assim, superar os limites e dificuldades de vivenciar os conteúdos da Educação Física de forma plena no ensino remoto através do incentivo e da vivência prática de exercícios físicos, visando promover a valorização da Educação Física pela comunidade escolar. Devido a realidade das redes de ensino em que os professores/pesquisadores atuavam no momento da intervenção, optou-se pela realização junto aos/às estudantes dos 8ºs anos de uma escola da rede municipal de Garanhuns, Pernambuco. Inicialmente, houve uma exposição dialogada acerca da relação do exercício físico com a Ginástica, assim como a reflexão sobre o impacto da pandemia na vida ativa dos estudantes, reduzida pelo isolamento social, resultando no aumento do nível de sedentarismo. Foi diante desta realidade constatada que propomos a atividade denominada de “Desafio do combate ao sedentarismo” usando a promoção da prática do exercício físico enquanto meio de intervir na realidade encontrada. Foi indicada a leitura dos textos “As novas tecnologias e o estilo de vida” e “Efeitos da atividade física no organismo”, ambos encontrados no livro “Para ensinar Educação Física” de Darido e Souza Júnior (2007). Posteriormente, cada estudante deveria gravar um vídeo curto praticando algum exercício físico, além de incentivar familiares, amigos/as e outros membros da comunidade escolar (professores e demais funcionários da escola). Esses vídeos foram enviados ao professor de Educação Física, para serem contabilizados os resultados de cada turma, de forma que não houve divulgação dos mesmos, a fim de preservar os direitos de imagens de cada participante. Após essa intervenção, houve a discussão sobre a prática e os benefícios de se adotar uma vida fisicamente ativa. A intervenção foi realizada através do aplicativo do *WhatsApp*, os/as estudantes utilizaram aparelhos eletrônicos para gravação dos vídeos realizando os exercícios em suas casas. Também foi utilizado o *Google Meet* para as discussões sobre a atividade proposta. Todo o processo foi realizado por meio do uso de internet. A avaliação se deu através do diálogo realizado coletivamente ao longo de todo processo, buscando verificar se o processo de conscientização estava sendo efetivado. Foi possível constatar por meio de relatos pessoais dos estudantes o retorno destes à prática de exercícios físicos a partir dessa atividade, entendendo ser essencial para a melhoria da qualidade de vida. Buscamos nessa intervenção, mesmo diante da dificuldade da realização das atividades práticas, nesse contexto pandêmico, superar o desafio de associação entre o conteúdo teórico e prático nas aulas da Educação Física.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Ginástica; Ensino Remoto.



A SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DA CULTURA CORPORAL DO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE MUNICIPAL DE GOIANA-PE

Layz Hemiliana da Silva


<https://orcid.org/0000-0002-1659-1656> 


<http://lattes.cnpq.br/9345238941101989> 

Secretaria Municipal de Goiana (Goiana, PE – Brasil)

layzhemiliana@hotmail.com

Marcelo Soares Tavares de Melo

<https://orcid.org/0000-0002-3819-0343> 

<http://lattes.cnpq.br/1751806626448646> 

Universidade de Pernambuco (Recife, PE – Brasil)

marcelo.melo@upe.com.br

Resumo


A pesquisa parte de inquietações a respeito da organização e sistematização dos conhecimentos da cultura corporal nas aulas de Educação Física nos anos finais do ensino fundamental na rede municipal de ensino de Goiana em Pernambuco. Delimitamos enquanto problema da pesquisa: existe diferença entre os professores da rede na seleção, organização e sistematização dos conteúdos das aulas de Educação Física? O objetivo foi analisar como está sistematizado os conhecimentos da cultura corporal no componente curricular Educação Física. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, estruturada em três etapas: a primeira foi revisão de literatura em que situamos as discussões sobre sistematização, conteúdo da Educação Física e programa de ensino. Na segunda etapa realizamos um estudo documental, analisando documentos orientadores da prática pedagógica, e também os programas de ensino dos professores da rede. Por último, realizamos uma pesquisa de campo que teve enquanto instrumentos questionários e entrevistas com os professores de Educação Física da rede que na época da pesquisa ministravam aulas em turmas do 6º ao 9º anos. No estudo documental foi realizada uma análise descritiva dos dados, na etapa bibliográfica e de campo foi realizada a técnica de análise de conteúdo categorial por temática para que a partir dela pudéssemos compreender o objeto de estudo de acordo com as categorias encontradas. Mediante o exposto, percebemos a importância da construção do programa de ensino para a qualificação da prática pedagógica nas aulas de educação física, é necessário se apropriar e referenciar dos orientadores curriculares e referências bibliográficas, conferindo assim, sustentação teórico metodológica ao processo de sistematização do conhecimento.


Palavras-chave: Escola; Educação Física; Conhecimentos.



AS LUTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO TEÓRICA PARA ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL

Ládia Rossini Parreira Rédúa

<https://orcid.org/0000-0001-8090-5229> 

<http://lattes.cnpq.br/4195931725026059> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

ladia.parreira@gmail.com

Resumo


Durante a pandemia professores da educação básica de ensino, sobretudo os professores de Educação Física, precisaram aproximar seus alunos da realidade escolar, à distância. Nos últimos dezoito meses foi preciso ressignificar o atendimento de maneira remota. Dessa forma, o presente relato de experiência busca apresentar o trabalho realizado com alunos dos anos finais do ensino fundamental, que teve como assunto principal as lutas. As atividades aqui relatadas foram realizadas na modalidade híbrida, não havendo vivências no espaço escolar em decorrência das medidas de biossegurança adotadas para as escolas estaduais de Mato Grosso no ano de 2021. Os alunos frequentavam as aulas durante a semana toda, porém em semanas alternadas, de modo a realizar atividades complementares durante a semana que estavam em casa. Na semana de atendimento remoto, os alunos recebiam atendimento remoto apenas pelo *Whatsapp*, pois os professores atendiam simultaneamente os alunos da escola e de casa. A atividade a seguir relatada foi desenvolvida nas aulas de Educação Física, por duas professoras, uma com quatro turmas de 9º ano e uma turma de 7º ano, e a outra com três turmas de 7º ano, todos do período matutino, com idade de 12 a 15 anos, Matriculados na escola estadual Sagrado Coração de Jesus, localizada na cidade de Rondonópolis-MT. Em decorrência da pandemia do Covid 19 e pelas restrições de biossegurança já mencionadas, as aulas de Educação Física aconteceram apenas de maneira teórica e por esse motivo, as atividades aqui relatadas foram trabalhadas na perspectiva de Coll et al. (2000) que menciona a importância de esclarecer o conceito para suscitar a discussão sobre os conteúdos da Educação Física. Para dar suporte ao trabalho, foi escolhido o tema Lutas e como estratégia de desenvolvimento e produção dos estudantes foi trabalhado um *template* intitulado Crítico do Esporte. Para fomentar as discussões foram apresentados alguns vídeos de diferentes modalidades esportivas de lutas, além do material impresso com informações referentes aos conceitos básicos das lutas, como equilíbrio e desequilíbrio, imobilização e exclusão. Igualmente foram abordados a ordem interna de algumas das modalidades, como judô, luta greco-romana, luta olímpica e karatê. O objetivo desse trabalho era oportunizar aos alunos oportunidade de discutirem não só os aspectos técnicos e táticos das lutas, mas também debater questões referentes aos gêneros, as barreiras sociais enfrentadas pelos atletas e o incentivo brasileiro aos esportes de combate. Os alunos puderam realizar as entregas dos *templates* de forma digital e/ou presencial no intuito de incluir todos os alunos independentemente de terem acesso a ferramentas digitais ou não. Analisando os trabalhos desenvolvidos pelos estudantes de 9º e de 7º ano são capazes de entender a lógica interna dos esportes de combates, identificando as principais características delas e os objetivos dos atletas, além de terem plenas condições de sintetizar as principais características desses esportes com criatividade e harmonia.


Palavras-chave: Lutas; Atendimento Remoto; Pandemia; Contexto Escolar; Educação Física Escolar.



AUDIODESCRIÇÃO PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Arlindo Fernando Paiva de Carvalho Junior


<https://orcid.org/0000-0002-5041-8232> 


<http://lattes.cnpq.br/0164159801559754> 

Instituto Benjamin Constant (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

afjr18@hotmail.com

Carlos Eduardo Vaz Lopes

<https://orcid.org/0000-0002-6922-7604> 

<http://lattes.cnpq.br/4106062506820804> 

Univeritas (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

efcarloslopes@gmail.com

Resumo


A Audiodescrição (AD) é um recurso de acessibilidade que busca tornar visível o que os olhos não conseguem ver. Tornar as aulas de Educação Física mais acessíveis é fundamental para que os estudantes com deficiência visual (DV) possam participar ativamente das atividades. O presente texto busca teorizar por meio da reflexão sobre a prática, um saber de experiência, que se constitui no cotidiano escolar junto aos estudantes com DV no ensino fundamental do Instituto Benjamin Constant – Centro de Referência Nacional em Deficiência Visual. O objetivo é compartilhar saberes que podem ser replicados e contribuir para tornar outras práticas de Educação Física mais inclusivas e democráticas. A AD foi desenvolvida nas aulas de forma natural e transversal junto às demais temáticas do currículo da Educação Física como, por exemplo: a) em atividades corporais ao realizar a AD do movimento para facilitar a compreensão dos estudantes com DV; b) em jogos ou atividades dinâmicas, em que o estudante com DV ouvia do professor ou de outro estudante a AD para que soubesse o que estava acontecendo nos jogos ou atividades; c) nas apostilas didáticas, em que a AD das imagens eram realizadas para tornar acessível a imagem e possibilitar a compreensão pelo estudante com DV; d) nos vídeos pedagógicos passados aos estudantes, em que foi realizada a AD para contextualizar o cenário e contexto da cena que não apareciam no som dos vídeos. São várias as possibilidades que a AD precisa ser desenvolvida para tornar visível e acessível as aulas e materiais pedagógicos aos estudantes com DV. Percebemos com a prática que, o estudante com DV compreende melhor as atividades, o contexto, os conteúdos escolares quando utilizamos o recurso de acessibilidade da AD como ferramenta pedagógica. E, conseqüentemente, o estudante com DV passa a participar das aulas de forma mais ativa, melhorando sua interação e relacionamento com os demais estudantes.


Palavras-chave: Audiodescrição; Deficiência Visual; Educação Física.



CLASSIFICAÇÃO DOS ESPORTES E PRODUÇÃO INDIVIDUAL: UMA PROPOSTA DE TRABALHO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ládia Rossini Parreira Rédua

<https://orcid.org/0000-0001-8090-5229> 

<http://lattes.cnpq.br/4195931725026059> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

ladia.parreira@gmail.com

Resumo


As atividades de produção individual se tornaram uma estratégia recorrente nos planejamentos dos professores de diversos componentes curriculares. O ensino remoto e a educação no formato híbrido nos impuseram a responsabilidade de oferecer aos estudantes possibilidades de criação e entrega de conteúdo adaptadas a essa nova realidade. Dessa maneira, o presente relato de experiência tem o propósito de apresentar como se deu o trabalho com os esportes dos programas olímpicos de inverno e de verão utilizando como estratégia a produção individual de panfletos. Todas as etapas aqui relatadas aconteceram na modalidade híbrida, uma vez que as aulas na rede pública estadual de ensino de Mato Grosso foram assim organizadas para o ano de 2021. Nessa modalidade as turmas foram organizadas em dois grupos que frequentam as aulas de segunda a sexta-feira, porém de maneira intercalada. As turmas estavam divididas em Bolha A e Bolha B, de maneira que o trabalho foi apresentado aos alunos no momento em que cada grupo estava frequentando as aulas presencialmente. O trabalho a seguir relatado foi desenvolvido nas aulas de Educação Física, com quatro turmas de 9º ano, com estudantes de 14 e 15 anos, do período matutino, da escola estadual Sagrado Coração de Jesus, localizada na cidade de Rondonópolis-MT. Devido à pandemia do Covid 19 e por restrições de biossegurança, as aulas de Educação Física estavam acontecendo apenas de maneira teórica e por esse motivo, as atividades aqui relatadas foram todas trabalhadas na perspectiva de Coll et al. (2000) que menciona a importância de esclarecer o conceito para suscitar a discussão sobre os conteúdos da Educação Física. Com base no proposto por Gonzalez (2004), o conteúdo esporte foi trabalhado na perspectiva da classificação dos esportes a partir das relações de Cooperação e Oposição. O conteúdo escolhido para alicerçar as atividades foram os esportes pertencentes aos programas olímpicos de inverno e de verão e a estratégia utilizada para sistematizar o trabalho foi a produção de dois panfletos, um com esportes de verão e outro com esportes de inverno. O objetivo desse trabalho era levar os alunos a diferenciarem as modalidades esportivas com base no critério da lógica interna das categorias de esporte, sendo elas rede ou parede, campo ou taco, invasão, combate, marca, técnico combinatória e precisão. Os estudantes tiveram contato com diversos vídeos e textos, sempre considerando as características esportivas aqui relatadas. Após a realização das atividades nos meses de agosto e setembro de 2021, em que tiveram que realizar a produção dos panfletos informativos dos esportes por eles escolhidos, foi possível constatar que os estudantes de 9º ano conseguem identificar a lógica interna dos esportes e classificá-los de acordo com sua categoria, além de apresentarem boas condições de desenvolverem suas habilidades criativas na elaboração de materiais visuais informativos e bem fundamentados.

Palavras-chave: Classificação dos Esportes; Educação Física Escolar; Pandemia; Produção Pessoal; Cooperação e Oposição.



DANÇA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Isis Alessandra Spohr Recchi Leão


<https://orcid.org/0000-0003-0043-934X> 


<http://lattes.cnpq.br/6050815535782263> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

isisrecchi@gmail.com

Patricia Gehrke

<https://orcid.org/0000-0002-7357-7009> 

<http://lattes.cnpq.br/2261910776435186> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

patricia-gehrke@educar.rs.gov.br

Resumo


A Educação Física é um componente curricular obrigatório aos alunos em processo de escolarização. Sua prática dentro da escola deve englobar os mais diferentes aspectos ligados a corporeidade, da teoria à prática, possibilitando através da vivência de diversificadas experiências o enriquecimento da cultura corporal do aluno. Sabendo disso, os documentos norteadores da educação propuseram unidades temáticas a serem desenvolvidas nas aulas e entre elas está a dança, manifestação artística caracterizada pelo uso do corpo para a realização de movimentos ritmados auxiliados por sons ou músicas. O desenvolvimento da dança nas aulas de Educação Física ainda é um tema visto com receio por grande parte dos professores que se consideram incapazes de desenvolver atividades, pois julgam não ter tido formação mais aprofundada ou não tem experiências motoras relacionadas que deem embasamento para o trabalho e também dos alunos que ainda associam a disciplina somente aos esportes. Entretanto, sabemos que a dança é uma importante aliada no desenvolvimento da consciência corporal do aluno, levando-o ao entendimento de como seu corpo se relaciona com o espaço. Sabendo disso, o presente trabalho teve como objetivo levar alunos de 3 turmas de 9º anos de uma escola da rede municipal a compreenderem e praticarem a dança em suas mais diferentes formas, proporcionando a reflexão acerca das possibilidades corporais ligadas a ela. Foram realizadas aulas teóricas que possibilitaram o entendimento dos principais conceitos ligados a movimento e a dança propriamente e práticas, com propostas de danças e movimentos trazidas pela professora, mas abertas a contribuição dos alunos. As aulas foram realizadas nos espaços disponíveis na escola sendo eles a quadra esportiva, sala de vídeo e a própria sala de Educação Física. Inicialmente houve a resistência por parte dos alunos em não querer realizar as atividades práticas, entretanto com o passar das aulas essa foi diminuindo até que ao final das aulas proposta cada turma conseguiu elaborar uma coreografia, respeitando os três elementos básicos da dança: movimento corporal, espaço e tempo. Ficou evidenciado no decorrer das aulas que enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, a dança possui um leque de conhecimentos e possibilidades que podem ser explorados e através dela o aluno não conhece somente o outro, mas a si próprio, o que permite um aprendizado mais significativo e que contribui para o seu desenvolvimento cognitivo, motor, social e emocional


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Ensino Fundamental; Dança.



DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO E ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR


Douglas Alexandre Feltrin


<https://orcid.org/0000-0002-4196-1022> 

<http://lattes.cnpq.br/7599357944703275> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
douglas.feltrin@sou.unijui.edu.br

Gabriela Antes Kuhn

<https://orcid.org/0000-0001-8450-2718> 

<http://lattes.cnpq.br/4748190163652770> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
gabrielaanteskuhn@gmail.com

Resumo


Este resumo se trata de um relato de experiência referente ao trabalho desenvolvido no período de ensino escolar híbrido, com foco na temática gênero, na disciplina de Educação Física. O gênero diz respeito às diferenças entre homens e mulheres, e se trata de uma construção social e cultural que se dá de modo distinto entre os diferentes povos (BERRIA et al., 2010). Percebemos, historicamente, no esporte brasileiro, uma espécie de opressão sobre o gênero feminino. A exemplo disso, o Decreto-Lei 3.199 de 14/4/1941, que ficou vigente até 1983(MAEDA, 2019), previa que “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza...”, bem como a Deliberação n.º 7, a qual ditava que “Não é permitida [à mulher] a prática de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball” (MAEDA,2019). Dada a relevância desta situação e suas implicações históricas no ensino dos esportes, pensando numa perspectiva de superação, elaboramos uma didática baseada na metodologia crítico-emancipatória, que se constitui em três níveis de competências: entendimento sociocultural, comunicativas e habilidades práticas das diversas culturas do movimento (KUNZ, 2012). As atividades foram construídas nas aulas de Educação Física, com os 8º e 9º anos do ensino fundamental, em uma escola de Santa Maria-RS, como objetivo de discutir sobre as possíveis relações entre habilidades esportivas e gênero. As tarefas foram divididas em três momentos: o primeiro se constituiu em uma conversa sobre quais entendimentos os alunos tinham sobre a relação entre gênero e habilidades esportivas; o segundo foi a análise de vídeos esportivos, e; a terceira se constituiu em uma nova discussão após assistir os vídeos. Observou-se, inicialmente, a presença de um estereótipo sobre as habilidades esportivas e os gêneros, baseado na ideia de que há esportes que meninos ou meninas não conseguiriam praticar. No momento em que os alunos assistiram alguns atletas, desconhecidos pela maioria, praticando esportes com excelência, independentemente do gênero, as concepções de alguns mudaram. Em relação aos aspectos éticos, os nomes da escola e dos alunos não foram citados no resumo. A adoção da metodologia crítico-emancipatória abriu para a discussão a temática de gênero nas aulas e possibilitou um “repensar crítico” por parte dos alunos sobre os esportes numa perspectiva mais inclusiva em relação aos gêneros, rompendo com seus estereótipos prévios.


Palavras-chave: Ensino Escolar; Híbrido; Cultura; Gênero Feminino; Práticas Esportivas; Futebol.



DRIBLANDO AS ADVERSIDADES: EXPERIÊNCIA DE ENSINO DO FUTSAL SOB UM REFERENCIAL SOCIO PEDAGÓGICO

George Luiz Cardoso de Souza

<https://orcid.org/0000-0001-7997-1579> 

<http://lattes.cnpq.br/5445532849190054> 

Universidade Estadual Paulista (Rio Claro, SP – Brasil)

george.l Luiz@unesp.br

Resumo


O presente relato de experiência teve como objetivo analisar o esporte educacional como ferramenta de formação do sujeito e seu papel socioeducativo. Partido da experiência na atuação como professor de educação física em dois cenários distintos: duas escolas públicas estaduais situadas na cidade de Limeira; uma considerada escola pública modelo, com índices do Idesp acima da média estadual, com estrutura física, recursos materiais e apoio da gestão, e outra situada em uma região de alta vulnerabilidade social, baixos índices no Idesp e todos os problemas decorrentes de regiões pouco assistidas pelo poder público. Para o estudo foi desenvolvido um projeto de iniciação ao futsal, em parceria com a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer da cidade de Limeira, e divulgado em ambas as escolas, o objetivo era trabalhar com a iniciação a modalidade esportiva futsal e formar equipes para representar cada escola nos jogos escolares municipais. O projeto de futsal, envolveu em torno de 30 crianças, de ambos os sexos, com idades entre 10 e 12 anos, sendo que 12 destes alunos eram da escola Estadual Antonio Perches Lordello, 12 da escola Estadual Leontina Silvia Busch e 8 de outras escolas. As aulas duravam em torno de 1 hora e meia, começando as 9:00 horas e com término as 10:30 da manhã. Foram ministradas em torno de 40 aulas nos períodos de março de 2015 a outubro de 2015. As aulas de futsal, tiveram como princípios: a inclusão (onde todos jogavam independente da habilidade, e nas mais diversas posições), os jogos reduzidos (já que um dos objetivos era que nenhum aluno ficasse muito tempo parado, e as intervenções pedagógicas do professor, juntamente com atividades buscando compreender a dinâmica do futsal, como posicionamento e conceitos técnicos e táticos, e atividade educativas buscando uma maior aproximação social entre os alunos. Ao final dos jogos escolares, foi entregue um questionário para 20 alunos, aleatórios de cada equipe com perguntas qualitativas acerca das do projeto. Os resultados demonstram que os alunos conseguiram ter uma maior percepção da realidade de cada escola, demonstraram que é possível conciliar espírito competitivo com relações afetivas de amizade.


Palavras-chave: Futsal; Educação Física Escolar; Esporte Educacional.



ENSINO REMOTO: CONTEXTUALIZANDO GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Julienne de Lucena Souto Marinho


<https://orcid.org/0000-0001-7852-9375> 


<http://lattes.cnpq.br/4716414815435513> 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, RN – Brasil)

julienne_marinho@hotmail.com

Antônio de Pádua dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-6998-9940> 

<http://lattes.cnpq.br/9063486087784385> 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, RN – Brasil)

paduasant@gmail.com

Resumo


Refletindo sobre a importância de tornar as aulas de Educação Física espaços mais significativos e acolhedores, voltamos nosso olhar para o diálogo sobre as questões de gênero nas práticas esportivas. Nessa direção, muitas vezes o menino tem sua iniciação esportiva precoce se comparado as meninas. O objetivo foi refletir e discutir a respeito das identificações de gênero no conteúdo esporte nas aulas de Educação Física. Trata-se de um relato de experiência, vivenciada em aula remota através da ferramenta *Google Meet*, para 31 alunos (13 alunos do sexo feminino e 19 do sexo masculino, com idades entre 10 e 13 anos) do 6º ano e 19 alunos (14 alunos do sexo feminino e 5 do sexo masculino, com idades entre 14 e 17 anos) do 9º ano. As turmas foram escolhidas intencionalmente para podermos perceber as compreensões e incompreensões acerca do tema sugerido. Assim, tratamos a respeito do tema de gênero no esporte, expomos uma campanha publicitária através do Youtube intitulada “*Invisible Players - Jogadoras invisíveis*”, em que exibia imagens de silhueta de atletas do futebol, do basquete e do surfe, nas quais não era possível distinguir se era homem ou mulher. A medida em que o vídeo era transmitido, os alunos eram impulsionados a identificar cada atleta como homem ou mulher. Desse modo, registramos as observações dos educandos. Durante a vivência, os alunos foram levados a refletir e ressignificar suas impressões sobre gênero no esporte, antes da exposição do vídeo questionamos os estudantes sobre o que eles entendiam sobre gênero. Percebemos nas falas dos alunos do 6º ano muitas incompreensões sobre a temática abordada, diferente dos alunos do 9º ano que já conseguiam argumentar sobre o tema. Ao serem questionados se existia esporte de mulher e de homem, os alunos do 9º ano foram bem pontuais e responderam que sim, que existiam diferenças. No transcorrer do vídeo, os alunos das duas séries remeteram em sua maioria a atletas e personalidades do sexo masculino, fazendo pouca menção ao sexo feminino. Ao fim da exibição os educandos puderam perceber que os atletas se tratavam ao sexo feminino, tal constatação causou espanto. O ensino remoto tem favorecido a reflexão de temas que são pouco tratados nas aulas de Educação Física, percebemos que existe muita incompreensão sobre gênero pelos alunos. O gênero feminino no esporte ainda sofre interferência de padrões estabelecidos socialmente. Após a vivência supracitada, destacamos a urgência em tratar do tema gênero nas aulas de Educação Física, de modo que possamos provocar reflexões sobre as relações pessoais de direitos e igualdade de gênero para além das práticas corporais.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Gênero; Ensino Remoto.



ESPORTES DE REDE: EXPERIMENTAÇÃO E VIVÊNCIA DO BADMINTON EM UMA TURMA DE 8º ANO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO NO ESTADO DE MATO GROSSO


Diana de Souza Moura


<https://orcid.org/0000-0002-7240-7307> 

<http://lattes.cnpq.br/2468925446481937> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)
diannamoura19@gmail.com


Natália Bianca Bruni de Lara


<https://orcid.org/0000-0001-7278-4594> 

<http://lattes.cnpq.br/3960838217650916> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)
nathy.lara@hotmail.com

Edevaldo Gonçalves Siqueira

<https://orcid.org/0000-0003-2969-5531> 

<http://lattes.cnpq.br/5405390997539789> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)
edevaldo789@gmail.com

Resumo


O presente relato tem como objetivo apresentar as vivências realizadas em uma escola da rede estadual de ensino no estado de Mato Grosso, no componente curricular Educação Física, com uma turma do 8º ano do ensino fundamental, em minha prática docente. Durante as aulas de Educação Física é perceptível que alguns conteúdos não se fazem presentes na realidade de alguns estudantes, principalmente em escolas públicas, pois muitas vezes estão relacionados a deficiência de materiais disponíveis. Ao retornar para o ensino presencial e conversar com os estudantes, percebi que eles não sabiam o que era badminton, porém possuíam curiosidade sobre a sua forma de jogo e materiais utilizados para a prática, assim como havia o interesse pela realização desse esporte nas aulas de Educação Física. Pensando nisso organizei algumas aulas para que os estudantes pudessem conhecer essa modalidade e experimentar de forma prática o que era o badminton. Esse processo passou por algumas etapas, sendo a primeira delas, proporcionar que os estudantes pudessem conhecer um pouco mais sobre essa modalidade, origem e os materiais utilizados, como a raquete e o volante de penas, a segunda etapa consistiu em entender como esse esporte era realizado e suas principais regras e de que forma poderíamos realizá-lo no ambiente escolar, para que todos pudessem participar e a última etapa consistiu na experimentação do badminton que aconteceu através de divisões em pequenos grupos, em espaços que foram divididos na quadra especificamente para essa prática, onde primeiramente os estudantes realizaram movimentos de rebatidas e aos poucos foram sendo inseridos novos movimentos e ao final, após o desenvolvimento das aulas de experimentação que ocorreram por três encontros, foram organizadas competições em duplas de badminton. A experiência adquirida através da possibilidade em vivenciar o badminton com a turma foi algo muito enriquecedor, foram atividades realizadas contanto com a participação de todos os alunos da turma, ficou perceptível que no decorrer das aulas os estudantes foram buscando cada vez mais compreender o badminton e que esse esporte era algo que não fazia parte da realidade desses estudantes e que dentro do ambiente escolar houve essa possibilidade. Evidenciando que as experiências que proporcionamos aos nossos estudantes podem contribuir de forma significativa com a sua formação.


Palavras-chave: Esportes de Rede; Educação Física; Vivência.



ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A TEMÁTICA DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR – ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alessandra Galve Gerez


<https://orcid.org/0000-0003-2075-3555> 


<http://lattes.cnpq.br/2501253884109569> 

Universidade Federal de São João Del Rei (São João Del Rei, MG – Brasil)

alessandragerez@gmail.com

Ileana Wenez

<https://orcid.org/0000-0002-3905-1900> 

<http://lattes.cnpq.br/2590401305796612> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

ilewenez@gmail.com

Resumo


Este relato de experiência desdobra-se a partir de registros realizados na experiência do Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar. Por ocasião da finalização do curso de licenciatura em Educação Física, uma das autoras deste estudo inseriu-se em uma escola pública da Grande Vitória/ES, a fim de cumprir a carga horária obrigatória de estágio junto as turmas dos anos finais do ensino fundamental. Inicialmente, a observação e os registros foram organizados a partir do burocrático “manual de estágio”, que ainda se fazem presentes nos cursos de licenciatura. No entanto, ao adentrar o cotidiano concreto das aulas de Educação Física, outras situações dominavam a cena e capturavam o olhar da observadora. O campo de estágio se mostrava como uma “coisa viva” (MENDES; BETTI, 2017), repleto de signos e significados naturalizados, nem sempre claros à primeira vista, com os quais devemos estabelecer comunicação e diálogo crítico. Dentre essas situações, saltavam aos olhos as relações e os conflitos de gênero e sexualidade que permeavam as aulas de Educação Física. Compreendemos o gênero como construções culturais, linguísticas, históricas e sociais que configuram os processos de diferenciação de homens e mulheres. O gênero permite distinguir que homens e mulheres não são biologicamente determinados (LOURO, 1999; MEYER, 2003). A sexualidade é vista como os diversos modos de expressar os desejos e prazeres na sua dimensão social, pois eles “[...] também são socialmente aprendidos e codificados”, constituindo-se como um “dispositivo histórico” (LOURO, 1999, P.11). O trabalho caracteriza-se como um relato de experiência que, segundo Daltro e Faria (2019), é uma modalidade de produção e cultivo de conhecimento presente no território da pesquisa qualitativa. Os registros em diário de campo foram realizados por três meses e seu planejamento seguiu as recomendações propostas por Ludke e André (1986). Os registros foram organizados a partir de duas categorias: 1) naturalização das práticas de gênero na escola, na qual se revela o apagamento do feminino e o domínio masculino na ocupação dos espaços que viram territórios masculinos naturalizados; 2) práticas de controle do corpo e silenciamentos femininos. A análise e interpretação foi realizada a partir de reflexões inspiradas nos Estudos Culturais Feministas. Constatamos algumas reproduções de sentidos sobre gênero e sexualidade, expressadas na naturalização das desigualdades corporais, nos silenciamentos ou na ocupação dos espaços, mas também identifica os tensionamentos protagonizados pelas estudantes, manifestados nas resistências e negociações com a professora e com a escola. Por fim, destacamos a importância do Estágio Supervisionado na formação inicial de professores, principalmente quando o mesmo busca ultrapassar a concepção tradicional tão cristalizada nos cursos de licenciatura.


Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Gênero; Educação Física; Ensino Fundamental.



EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA DANÇA: UMA REFLEXÃO NO ENSINO REMOTO

Julienne de Lucena Souto Marinho


<https://orcid.org/0000-0001-7852-9375> 


<http://lattes.cnpq.br/4716414815435513> 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, RN – Brasil)

julienne_marinho@hotmail.com

Antônio de Pádua dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-6998-9940> 

<http://lattes.cnpq.br/9063486087784385> 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, RN – Brasil)

paduasant@gmail.com

Resumo


Como as aulas de dança podem ampliar o conhecimento crítico dos alunos acerca das expressões pelo/sobre/do corpo? Acreditamos que é na vivência escolar que se inicia os entendimentos e interpretações do corpo, nossa vivência em sala de aula nos fizeram perceber alguns tabus em relação a movimentos corporais por parte dos alunos. A relevância do estudo oportuniza estímulos reflexivos sobre a dança, música e corpo nas aulas de Educação Física, possibilita o diálogo com outras disciplinas como português, história e artes. O objetivo foi analisar a influência que a mídia promove aos alunos, a partir dos comportamentos, gostos musicais, a maneira como nos vestimos ou nos moldamos dentro da comunidade em que vivemos. Trata-se de um relato de experiência dos alunos em aula remota realizada através da ferramenta *Google Meet*, para 31 alunos (13 alunos do sexo feminino e 19 do sexo masculino) do 8º ano dos anos finais do ensino fundamental. Ao início da aula foi apresentado aos alunos o tema sobre o qual iríamos refletir. Os alunos foram levados a refletir sobre o percurso histórico da dança ao longo dos anos 60, 70, 80, 90, 2000 e 2021, foi utilizado um vídeo educativo presente no Youtube, onde os alunos contemplaram sobre o modo de dança, estilo de roupa, estilo de músicas, comportamentos, fazendo o paralelo com a realidade atual. Todas as impressões expostas por eles foram registradas e observadas. A medida em que o vídeo foi sendo transmitido professor e os alunos foram conversando e pontuando suas impressões sobre como as danças foram se constituindo ao longo do tempo e como as danças acontecem atualmente, apontando que as danças do passado tratavam a mulher, pois priorizavam a formalidade e transmitiam respeito. Os alunos também mencionaram sobre as vestimentas que se usavam nas danças valorizavam o corpo da mulher evitando a vulgaridade. Apontaram que as danças que são disseminadas na atualidade, que fazem parte do contexto social em que eles estão inseridos, utilizam músicas com letras pejorativas que desvalorizavam a mulher e que possuem movimentos pré-estabelecidos. Os alunos refletiram a evolução histórica da dança, percebendo como a mídia tem o poder de estabelecer um formato de movimento que eles apenas reproduzem sem refletir e criticar. Trouxeram também a visão de novos formatos, possibilidades e vivência de outros estilos dançantes que rompem com os estilos que eles vivenciam em suas realidades sociais. Destacamos a importância de contextualizar junto aos nossos alunos sobre as imposições midiáticas que sofremos e que muitas vezes não conseguimos refletir sobre novas configurações de movimentos. Vemos a importância de contextualizar nas aulas de Educação Física a cultura que cerca nossos alunos e possibilitar a reflexão de um novo pensar a dança.


Palavras-chave: Educação Física; Dança; Ensino Remoto.



GINCANA INDÍGENA: POSSIBILIDADES DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Guilherme Salvador

<https://orcid.org/0000-0002-4711-8773> 

<http://lattes.cnpq.br/4566541229987042> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

guilhermesalvador@estudante.ufscar.br

Resumo


O relato apresenta um recorte de um projeto interdisciplinar sobre valorização da cultura indígena realizado na escola Municipal Bacharel Mário Moura e Albuquerque na cidade de São Paulo, no ano de 2019. Esse recorte permite a apresentação da etapa final que aconteceu de forma dinâmica contemplando o conteúdo Jogos e Brincadeiras Indígenas e acontecendo em forma de uma gincana entre salas do oitavo e nono ano com enfoque na valorização da cultura indígena dentro da unidade escolar. Com a Lei 11.645 de 10 de março de 2008 que altera a LDB 96 no sentido de tornar obrigatório o ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nos estabelecimentos de ensino, há um estímulo crescente para a socialização de saberes relacionados a cultura indígena, sendo assim, no ano de 2019, foram realizadas ações de formação, leitura de documentos, palestras, visita a aldeia, exposição relacionadas a cultura indígena e esse percurso possibilitou a ampliação de conhecimentos e sugestão da realização de um projeto interdisciplinar no segundo semestre, comemorando o “agosto indígena”, sendo assim, foi escrito coletivamente no espaço de formação as principais ideias, sendo que houve colaboração conjunta de diversas áreas, finalizando com um dia para apresentação do produto final e vivência de práticas corporais indígenas. Antes desse momento final, os alunos foram convidados a conhecer um pouco mais sobre as práticas corporais indígenas, para vivências práticas e definição das atividades que cada aluno poderia realizar no dia da gincana. As atividades disponibilizadas para a gincana foram: Arco e Flecha, Cabo de Guerra, Revezamento de Tora, Grito de Guerra da sua aldeia e futebol descalço. O projeto teve um desenvolvimento satisfatório nas suas etapas e exaltou a metodologia ativa, pois foram produzidos conhecimentos diversos partindo dos alunos, sendo que as atividades da gincana foram problematizadas e as regras construídas coletivamente, assim como o formato e organização de forma geral. Os alunos se envolveram de forma progressiva e aos poucos foram entendendo a proposta, sendo que a comunicação entre professores dentro de um mesmo conteúdo facilitou a abordagem pedagógica, trazendo a autonomia para criações artísticas, pesquisas, conhecimento sobre história, cultura, práticas corporais. O fato de ter um produto final bem claro e delimitado facilitou o processo e fez com que o momento das vivências das práticas corporais fosse apreciado com muita energia e qualidade. Por fim, o projeto valorizou a cultura indígena dentro da unidade escolar, permitiu apreciação de práticas corporais indígenas realizadas de forma adaptada e repercutiu positivamente na unidade escolar, que engrandeceu as possibilidades de se trabalhar a cultura indígena de forma interdisciplinar e exaltando as práticas corporais.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Gincana Indígena; Interdisciplinaridade.



JOGO AFRICANO SHISIMA COMO INTERVENÇÃO NAS AULAS ONLINE NO PERÍODO PANDÊMICO

Graziane Weyh


<https://orcid.org/0000-0003-1536-7377> 


<http://lattes.cnpq.br/0955723507430705> 

Universidade Estadual Paulista (Presidente Prudente, SP – Brasil)

graziane.weyh@unesp.br

Maria Angélica Mantovani Casagrande

<https://orcid.org/0000-0002-0288-460X> 

<http://lattes.cnpq.br/3274813662389147> 

Universidade Estadual Paulista (Presidente Prudente, SP – Brasil)

maria.brauer@unesp.br

Resumo


Março de 2020 o mundo foi acometido pela COVID 19, as aulas foram suspensas sem previsão de volta. O Estado do Paraná implementou o sistema de aulas remotas via Google meet, convertendo o currículo ao formato online. A angústia era saber como nós professores adaptariamos as aulas de Educação Física a nova realidade? Como cumprir o currículo que trabalha a cultura corporal do movimento estando cada qual em sua casa? Em conversas via *Google Meet*, decidimos trabalhar com a temática dos jogos de tabuleiro, mais especificamente o jogo Africano Shisima. Trata-se de um jogo de fácil efetivação e poucos materiais para confecção – folha caderno de desenho, lápis de cor, régua, compasso ou algum pote redondo de casa. Jogo simples, porém, dinâmico, que atende ao disposto na Lei 10.639/2003 do Paraná, que torna obrigatório o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, como conteúdo a ser inserido em todas as disciplinas. Trabalhamos o jogo Shisima no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental do colégio Estadual Morozowski, Paranaguá, Paraná. Utilizamos a metodologia de problematização, se os alunos já haviam ouvido falar deste jogo, se alguém já vivenciou, imaginava o que poderia ser Shisima. Após, pesquisamos coletivamente na aula via *Google Meet* a origem, características, regras e confeccionamos o tabuleiro. Em outra aula já de posse do tabuleiro confeccionado, os alunos deveriam visualizar no YouTube como o jogo Shisima era praticado. Posteriormente, vivenciar com familiares, registrando em vídeos de até 1 minuto, como atividade avaliada e compartilhada no *Google Classroom*. Além da vivência, os alunos deveriam recriar o formato do início do jogo. Pontos Positivos observados: por se tratar de uma aula mais lúdica com a confecção de jogo, houve maior participação dos alunos nas turmas trabalhadas. A assimilação do jogo e a vivência prática com a família foi uma ressignificação do espaço e do tempo da própria aula de Educação Física, fato observado pelo relato dos alunos que ensinaram o jogo para seus avós, pais, irmãos e a efetivação da aprendizagem do jogo pelos alunos e o cumprimento do disposto na lei 10.639/2003. Pontos de reflexão: Nem todos os alunos que realizaram o jogo efetivaram a gravação da atividade proposta. A dificuldade relatada por eles foi para realizar o Upload do vídeo junto a plataforma *Classroom*. Contudo, compreendemos que conseguimos adaptar da melhor forma o currículo ao momento histórico que vivenciamos e que houve a aprendizagem significativa para os alunos, uma vez que pelos relatos dos mesmos a vivência do jogo em família foi alegre, divertido e único, o qual pode ser constado pelos vídeos recebidos na Plataforma. Ressaltamos ainda, a participação colaborativa entre professoras, estudantes e família diante deste período de ensino remoto emergencial. Desse modo, ações educacionais envolvendo todos estes atores sociais devem ser aprimoradas, considerando as lições aprendidas e sobretudo, nos momentos posteriores a retomada de nossas aulas presenciais. Compreendemos que este será um grande desafio para todos os professores e professoras neste novo panorama educacional.

Palavras-chave: Jogo Africano Shisima; Educação Física; Atividades Aulas On-line.



LUTAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Isis Alessandra Spohr Recchi Leão


<https://orcid.org/0000-0003-0043-934X> 


<http://lattes.cnpq.br/6050815535782263> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

isisrecchi@gmail.com

Patricia Gehrke

<https://orcid.org/0000-0002-7357-7009> 

<http://lattes.cnpq.br/2261910776435186> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

patricia-gehrke@educar.rs.gov.br

Resumo


Atualmente muito se discute a respeito da diversidade de conteúdos presentes dentro do componente curricular Educação Física, quais devem ser trabalhados, as abordagens que melhor auxiliam no processo de aprendizado e o quanto a variedade de práticas pode contribuir para o enriquecimento da cultura corporal de movimento do aluno. Propostas pelos documentos norteadores da educação, as Lutas são uma dentre as unidades temáticas que é bastante abordada, visto a grande maioria dos professores não trabalharem em suas aulas, justificando com o medo de estimular a violência e a agressividade, porque sentem-se incapazes de realizar as práticas por não ter vivências prévias ou até mesmo pela falta de material específico nas escolas. Em contrapartida a esses aspectos, as Lutas na escola se bem trabalhadas auxiliam tanto no desenvolvimento motor quanto no emocional e social dos alunos permitindo que através das práticas possam compreender questões como respeito, união e colaboração, fatores contribuintes no processo de aprendizado e na vida em sociedade. Sabendo disso, o presente trabalho teve como objetivo levar alunos de 3 turmas de 8º anos de uma escola da rede municipal a compreenderem e praticarem as lutas em suas mais diferentes propostas, proporcionando a reflexão acerca das possibilidades corporais e psicológicas relacionadas a elas. Para o desenvolvimento da unidade temática foram realizadas aulas teóricas onde foi apresentado aos alunos aspectos históricos, tipos de lutas e principais características, além das discussões a respeito da representação da luta na sociedade. Também foram propostas aulas práticas com atividades que permitiram aos alunos vivências técnicas de desequilíbrio, imobilização, combinação de ações de ataque e defesa, formulação de estratégias, controle corporal e psicológico. Percebeu-se no início do trabalho com a temática que grande parte dos alunos associava as Lutas somente a ações de ataque ou defesa em situações onde a violência e a agressividade se faziam presente. Entretanto com o passar das aulas foi possível visualizar uma modificação na visão acerca do tema, onde os alunos demonstraram ter compreendido os objetivos da Luta como prática corporal contributiva a sua formação biopsicossocial. Fica evidenciada a importância de trabalhar as Lutas dentro das aulas de Educação Física, pois além de colaborar significativamente para a formação do aluno, permite uma compreensão da sociedade em que estamos vivendo, os valores que estão sendo enaltecidos e os que estão se esquecendo, entretanto, é necessário entender que não existe uma forma certa de trabalho, pois cada turma é única, exigindo abordagem diferente.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Ensino Fundamental; Lutas.



MODELOS SPORT EDUCATION E PESQUISA-AÇÃO NAS AULAS DE FUTSAL MISTO EM PROGRAMA DE ESPORTE E LAZER DA CIDADE

Douglas Alexandre Feltrin


<https://orcid.org/0000-0002-4196-1022> 


<http://lattes.cnpq.br/7599357944703275> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

douglas.feltrin@sou.unijui.edu.br

Gabriela Antes Kuhn

<https://orcid.org/0000-0001-8450-2718> 

<http://lattes.cnpq.br/4748190163652770> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

gabrielaanteskuhn@gmail.com

Resumo


Este resumo é um relato de experiência resultante de um trabalho desenvolvido no Programa de Esporte e Lazer da Cidade (PELC) de Santa Maria- RS. Visa explicar sobre a efetividade do ensino do futsal para alunos de uma zona rural, com propostas fundamentadas no *Sport Education* e na pesquisa-ação. O PELC de Santa Maria (SM) tinha como objetivo oferecer atividades físicas variadas para as populações das periferias e era dividido em núcleos. A atividade do trabalho foi realizada de 2009 até 2015, com uma turma de futsal misto com 30 alunos de 10 a 18 anos, em horários de contraturno escolar, localizada no núcleo da zona rural, 4º distrito de SM - Arroio grande, no ginásio de São Marcos. A maioria dos alunos eram filhos de pequenos produtores rurais e operários de fábricas de facas, com renda familiar de um salário mínimo. O deslocamento para as aulas ocorria de bicicleta ou com o ônibus da escola de Arroio Grande. Alguns percorriam 10 quilômetros para chegar até o ginásio. Para participar das turmas era obrigatória a entrega de um termo de consentimento, que continha informações da modalidade e do programa, inclusos no documento a permissão para o uso de imagens e dados para divulgações e produções científicas. O objetivo da modalidade era oferecer uma experiência mais completa do esporte para os alunos. O modelo para alcançarmos esse propósito foi baseado nos fundamentos do *Sport Education* e da pesquisa-ação. O *Sport Education* foi idealizado por Daryl Siedentop, com fundamento em seis aspectos do esporte oficializado, que são: temporada, afiliação, cronograma de jogos, registro de desempenho, festividade e evento culminante (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017). Além de permitir que os educandos experimentem mais funções referentes a especificidade do esporte estudado, aumentando a compreensão e interesse pelo mesmo (SIEDENTOP, 1994). A pesquisa-ação é uma investigação que resulta em intervenções práticas (ENGEL, 2000). A organização da turma de futsal foi pensada pelas necessidades e estruturas tanto do PELC, como do ginásio e dos participantes. Dessa forma, em conjunto com os integrantes, foram divididas as equipes e as suas respectivas funções, que poderiam ser acrescidas ou retiradas conforme o andamento das semanas. Algumas atribuições como a limpeza do ginásio, trazer água, arbitrar partidas, levar chave do ginásio, convidar novos alunos, auxiliar no entendimento técnico e tático, guardar e cuidar dos materiais, fotografar e filmar as aulas, eram fixas, as demais eram discutidas no início de cada aula. O modelo implantado resultou em uma união dos alunos com o programa, mais cuidados com o local e materiais das aulas e culminou em alguns campeonatos, realizados entre os participantes e os responsáveis pelos mesmos. Concluímos que é importante oferecermos metodologias que permitam aos alunos uma experimentação esportiva mais profunda e agradável.


Palavras-chave: Programas Sociais; Práticas Esportivas; Modelos de Ensino; Entendimento Técnico-Tático.



O ENSINO DO FUTSAL A PARTIR DA LÓGICA INTERNA DOS ESPORTES DE INVASÃO

Eduardo Silva dos Santos

<https://orcid.org/0000-0001-9112-1323> 

<http://lattes.cnpq.br/2916363471610113> 

Secretaria Municipal de Educação de Natal (Natal, RN – Brasil)

profeduardorn@gmail.com

Resumo


Reconhecendo o desafio de romper com a tradição tecnicista e com o atual cenário de desinvestimento pedagógico, percebido no conhecido “rola bola”, buscamos com esse estudo apontar alternativas para a inovação da abordagem didático-pedagógica do conteúdo Esporte nas aulas de Educação Física escolar. O objetivo dessa pesquisa foi implementar um processo de ensino e aprendizagem do esporte de invasão nas aulas de educação física, pautado nas novas tendências da Pedagogia do Esporte de forma articulada às recomendações da BNCC. Mais especificamente, analisar as potencialidades, as dificuldades e os desafios da implementação de uma proposta de ensino do Futsal pautada nas intenções táticas e nos jogos condicionados. O estudo foi realizado em uma escola municipal de Natal/RN com uma turma de 6º ano do ensino fundamental. O método de pesquisa qualitativa adotado foi a Etnografia da Prática Escolar. Para coleta dos dados foram utilizados o questionário aberto, o diário de aula e o grupo focal, sendo os dados obtidos tratados por meio da análise de categorias de codificação proposta por Bogdan e Biken (1994). Dentre as potencialidades identificadas destacamos: definição de expectativas de aprendizagem alinhada aos saberes prévios dos alunos; capacidade de interação entre os saberes conceituais e corporais, assim como a possibilidade de sistematização dos elementos técnico-táticos inerente ao esporte de invasão ao longo dos anos da educação básica; participação ativa do alunos na resolução das situações-problemas geradas pelos jogos condicionados e atuação docente na mediação de sua compreensão tática; utilização da avaliação processual como aliada no processo de ensino e aprendizagem. Dentre as dificuldades identificadas durante a implementação da proposta, destacamos: número excessivo de alunos por turma; escassez de material didático; tempo pedagógico reduzido para atingir os objetivos propostos; desequilíbrio nos conhecimentos prévios entre os alunos; inexperiência do professor-pesquisador e dos alunos na utilização da metodologia no contexto das aulas de Educação Física. Porém, constatamos que nenhuma dessas dificuldades estão diretamente relacionadas as premissas das novas tendências da pedagogia do esporte, mas principalmente às condições objetivas do próprio contexto da educação física escolar. O desafio principal a ser enfrentado está relacionado ao processo de formação inicial e continuada de professores para que estes possam ser capacitados e se apropriar de novas competências ligadas as novas tendências da Pedagogia do Esporte, visando propiciar ao aluno uma educação esportiva significativa, que lhe permita o desenvolvimento de competências para usufruir de diferentes modalidades relacionadas ao esporte coletivo de invasão com proficiência e incorporar essas práticas corporais em sua vida para os fins que desejarem. Concluímos que esse estudo apontou uma alternativa de inovação no trato pedagógico do esporte de invasão Futsal nas aulas de Educação Física, ao propor o ensino pautado na compreensão dos princípios operacionais e intenções táticas através dos jogos condicionados. Ofereceu a possibilidade de uma participação ativa dos alunos, assim como a interação entre diferentes dimensões do conhecimento.


Palavras-chave: Ensino; Inovação; Esporte.



O QUE PODE O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM UM CENTRO SOCIOEDUCATIVO DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI?

Debora Nascimento Gomes

<https://orcid.org/0000-0002-4760-1095> 

<http://lattes.cnpq.br/4053152694202762> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

deboranascimento.ef@gmail.com

Resumo


O Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (IASSES) iniciou seus trabalhos em 1967. Trata-se de uma autarquia com personalidade jurídica de direito público interno, com autonomia administrativa e financeira, vinculada à Secretaria de Estado de Direitos Humanos (SEDH) e mantida pelo Governo do Estado do Espírito Santo (IASSES, 2015). O Centro Socioeducativo de Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei (doravante CSE) localizado em Tucum, Cariacica-ES, é uma das 13 unidades do IASSES, sendo considerada modelo no âmbito socioeducativo para o Estado e em nível nacional. O interesse em pesquisar um tema relacionado a esse sistema, surgiu a partir de uma atuação no espaço escolar como docente nas dependências do CSE. Nesse ínterim, identificamos que o trabalho se justifica pela necessidade de informações no campo da formação inicial, de modo que se torna cada vez mais comum vermos professores de educação física pontuarem como possibilidade de espaço de atuação as escolas regulares de ensino, os projetos sociais e esportivos, as empresas de lazer, dentre outros. No entanto, é incomum que esses profissionais tenham conhecimento acerca das unidades socioeducativas ou prisionais. Em consequência disso, os professores da área têm pouco interesse em optarem pelo trabalho nessas unidades, o que também foi oportuno para nossa motivação em pesquisar especificamente sobre esse tema. Exemplo disso, é a experiência profissional, como já citamos anteriormente, da autora deste trabalho que, após aprovação no edital de 2016 da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU) nº 045/20164, optou por atuar no CSE. Nesse certame, disputou vagas com apenas 09 profissionais da área, tendo em vista que, fora do sistema prisional, as inscrições foram consideravelmente maiores. Por fim, a partir da revisão bibliográfica, verificou-se que apesar de existirem trabalhos na área da psicologia e educação a respeito das experiências vivenciadas com adolescentes no contexto socioeducativo (ARAGÃO; MARGOTTO; ARANZEDO 2006; BAZON; SILVA; FERRARI, 2013), essa temática não é recorrente em periódicos consolidados da área educação física, sobretudo trabalhos focados na percepção dos alunos ou nas explanações sobre as unidades do IASSES. A materialização desse relato de experiência esteve ancorada nos seguintes objetivos: analisar o projeto político-pedagógico do IASSES e relatar a prática pedagógica adotada com a educação física dentro do CSE, bem como apontar possíveis caminhos nesse contexto. Para isso, utilizou-se metodologia qualitativa e a pedagogia de projetos de Hernández (1998) para organização dos conteúdos a serem trabalhados com os alunos. Para a materialização desse relato de experiência foi registrado e descrito o espaço educacional do CSE. Na oportunidade, cerca de 140 alunos participaram das aulas, distribuídos em turmas do 1º ao 9º ano e uma turma de Ensino Médio. Ao longo de todo o processo coletamos alguns registros que serviram como instrumentos de avaliação, bem como a observação dos próprios docentes. Os resultados observados indicam que o trabalho com a pedagogia de projetos e a interdisciplinaridade curricular, que possuem conhecimentos socialmente relevantes, enriqueceram as experiências discentes e, em especial, as docentes, possibilitando repensar e reconstruir suas práticas educacionais.


Palavras-chave: Educação; Educação Física; Experiência.



OLHARES E “NÃO OLHARES” DA GESTÃO EDUCACIONAL SOBRE O PROFESSOR “ROLA BOLA”

Cristiano Rafael Pinno


<https://orcid.org/0000-0001-5310-5955> 


<http://lattes.cnpq.br/3722351800427679> 

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí (Ijuí, RS – Brasil)

crpinno@gmail.com

Micheli Daiani Hennicka

<https://orcid.org/0000-0002-2861-8211> 

<http://lattes.cnpq.br/3752712901935219> 

Secretaria Municipal de Educação de Santa Maria (Santa Maria, RS – Brasil)

michipedag@yahoo.com.br

Resumo


A LDB/96 reconheceu a Educação Física como componente curricular e em 2003, como obrigatório na educação escolar. Este avanço na perspectiva legal não representou o reconhecimento social tão almejado pelo movimento renovador. Neste sentido, o papel que a Educação Física exerce na escola ainda carece de entendimento em setores importantes da Gestão Educacional. Isso significa que invisibilidade deste componente curricular atinge tanto docentes que vivem o não reconhecimento de seus feitos pedagógicos, como de profissionais que usufruem dos “benefícios” práticos da “não aula”. Este trabalho tem como objetivo compreender como a gestão educacional percebe os casos de abandono do trabalho docente e/ou desinvestimento pedagógico nas escolas da rede municipal de abrangência da Secretaria Municipal de Educação (Smed) – Ijuí/RS – e analisar as implicações e possibilidades destas situações no processo de ensino e de aprendizagem no componente curricular Educação Física, na execução do Projeto Pedagógico (PP) e na concretização dos objetivos da escola enquanto instituição de ensino. Para tanto, utilizamos a pesquisa qualitativa a partir do estudo de caso como método de investigação, valendo-se da análise de conteúdo para interpretar as informações obtidas por meio das entrevistas realizadas. Os sujeitos escolhidos para este estudo foram os gestores da Smed, respectivamente, secretário municipal e coordenador pedagógico. Resultados. Os dados coletados nos permitiram identificar um olhar superficial dos gestores sobre a atuação docente dos professores de Educação Física das escolas da rede municipal. Observou-se, também, a existência de docentes de outros componentes curriculares em situação semelhante a este abandono do trabalho docente e/ou desinvestimento pedagógico. Somado a isto, há uma constante negligência das gestões escolares (direções e coordenações pedagógicas) em relação a estes profissionais com atuação docente comprometedoras. Esta situação nega o compromisso que a escola e o professor têm de ensinar, ao mesmo tempo em que nega o direito do aluno a aprender. Os relatos corroboram a literatura que aponta a formação continuada como principal modo de potencializar a qualificação docente, cuja promoção compreende responsabilidade da Gestão Educacional Municipal e das Gestões Escolares, mas, acima de tudo, dos próprios professores que demandam entendimento sobre a função social que exercem.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Professor “Rola Bola”; Gestão Educacional.



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: NOVOS PERCURSOS NA ESCOLA

Guilherme de Arruda Carvalho Freitas

<https://orcid.org/0000-0001-9629-0695> 

<http://lattes.cnpq.br/1979015991794065> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

guilhermefreitas@estudante.ufscar.br

Resumo


Este relato apresenta uma unidade didática de ensino do componente curricular Educação Física com o tema Práticas Corporais de Aventura (PCA) realizada em 2019 com a turma de nono ano do Ensino Fundamental na EMEF/EJA Padre Domingos Zatti, Campinas/SP. A Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos "Padre Domingos Zatti" está localizada na periferia de Campinas/SP, atendendo cerca de 500 estudantes nos três períodos de funcionamento. Buscando aproximar o currículo da Educação Física das práticas presentes no cotidiano dos estudantes, identificou-se uma parcela significativa dos alunos com interesse por ciclismo, skate e parkour. A partir da necessidade de considerar interesses e experiências prévias dos alunos, o currículo da rede de ensino e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foi estabelecida uma unidade didática que tratasse das PCA e estimulasse nos alunos a reflexão sobre as possibilidades de realizar estas práticas nas aulas de Educação Física e explorar o espaço escolar e seu entorno de formas diferenciadas. A unidade se desenvolveu em uma sequência de oito aulas: introdução, características e classificações das PCA quanto aos meios onde se realiza (terrestre, aquática, aérea, urbana e na natureza); pesquisas sobre os possíveis locais de prática das PCA no entorno escolar e preparação de corrida de orientação; experimentação da corrida de orientação no terreno da escola; experimentação do parkour, com atenção a novas formas de deslocar-se pelos espaços e reflexão a respeito da preservação dos patrimônios público e privado; experimentação de rapel e slackline e seus desafios de movimento; experimentação de bike, patins e skate voltada ao debate da mobilidade urbana, equipamentos e procedimentos de segurança e a esportivização dessas práticas e, por fim, uma atividade de avaliação. As aulas em que o objetivo era experimentar as PCA contaram sempre com a iniciativa dos estudantes em sugerir adaptações e formas de garantir a segurança de todos na atividade. Este relato permite afirmar que o estudo das PCA na Educação Física Escolar independe do uso dos equipamentos específicos, quase sempre de difícil acesso. A elaboração participativa das aulas e atividades é um processo que enriquece as experiências discentes, além de viabilizá-las a um caráter individualizado da prática, sem preocupações técnicas. Durante o processo de planejamento, uma breve pesquisa para compreender o básico a respeito do tema e um desenvolvimento das aulas em consonância com as experiências e interesses dos alunos foram suficientes para um momento de aprendizado e reflexão sobre nossa relação com a natureza e o ambiente urbano. Assim, os estudantes puderam perceber que as PCA não estão assim tão distantes do seu dia a dia, uma vez que muitos já faziam uso de bikes para deslocar-se até a escola ou mesmo praticavam parkour, contextualizando os estudos realizados e atendendo ao caráter diversificado da cultura corporal de movimento previsto nos documentos oficiais aos quais a Educação Física está submetida.


Palavras-chave: Práticas Corporais de Aventura, Educação Física, Unidade Didática.



REFLEXÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ACESSIBILIDADE DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Carlos Eduardo Vaz Lopes


<https://orcid.org/0000-0002-6922-7604> 


<http://lattes.cnpq.br/4106062506820804> 

Univeritas (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

efcarloslopes@gmail.com

Arlindo Fernando Paiva de Carvalho Junior

<https://orcid.org/0000-0002-5041-8232> 

<http://lattes.cnpq.br/0164159801559754> 

Instituto Benjamin Constant (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

afjr18@hotmail.com

Resumo


O texto tem por objetivo compartilhar uma prática pedagógica realizada junto aos estudantes do nono ano do ensino fundamental, no município de Itaguaí - RJ. Na ocasião, foram elaboradas intervenções pedagógicas com intuito de promover a reflexão dos estudantes da turma sobre a importância de ambientes com acessibilidade e, atitudes inclusivas junto a pessoas com deficiência visual. No desenvolvimento da aula foram realizadas atividades em que os estudantes pudessem perceber como as barreiras, que promovem a exclusão, podem interferir negativamente no cotidiano das pessoas com deficiência visual e, também, como as atividades físicas e esportivas poderiam ser adaptadas a eles. A turma foi organizada em dois grupos, um utilizando vendas e o outro sem, que inverteram a condição posteriormente. Os estudantes realizaram as seguintes práticas: discussão sobre acessibilidade do prédio escolar e na comunidade; orientação e mobilidade; deslocamentos vendados com auxílio de uma corda para aumentar segurança; e vivência do esporte Goalball, em que foi adaptada uma bola de basquete envolta em sacolas plásticas com o intuito de gerar os estímulos sonoros necessários para que os estudantes percebessem o deslocamento no espaço e tempo da bola. Por meio dessas práticas, foi possível concluir que muitos estudantes desconstruíram coletivamente a ideia de que a pessoa com deficiência visual não seria capaz de realizar atividades cotidianas e esportivas. Além disso, eles refletiram sobre as políticas públicas e as condições de acessibilidade não só para pessoas com deficiência visual, mas de forma ampla, pensando em toda a comunidade escolar e o seu entorno.


Palavras-chave: Deficiência Visual; Educação Física; Acessibilidade.



RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA

Samara Oliveira Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-1674-4808> 

<http://lattes.cnpq.br/1568063985721939> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

samara.brasil@estudante.ufscar.br

Resumo


Este relato de experiência faz parte da finalização de um projeto sobre educação e sustentabilidade desenvolvido com alunos do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – CIEJA, em 2018. Participaram dessa atividade alunas (os) da Educação Física com alunos da alfabetização e etapa final. Como fechamento do projeto, os estudantes escolheriam uma música que falasse sobre o tema água. Ficou combinado que trouxessem músicas para serem apresentadas a turma. Minha sugestão foram as músicas Memória das Águas e Sereia de Água doce de Maria Bethânia. Alguns alunos, logo falaram que eram músicas de macumba e iniciou uma discussão com comentários preconceituosos. Uma aluna defendeu as músicas e se posicionou favorável expressando que os alunos evangélicos nunca foram impedidos de cantar suas músicas e que os alunos praticantes de religiões de matriz africana deveriam ser respeitados. A partir dessa discussão, conversamos com as (os) alunas (os) da Educação Física onde resolvemos elaborar uma apresentação, que após várias conversas, chamamos de ciranda. Nessas conversas, os alunos puderam expressar suas vivências com a água, pescaria e trabalho. Alguns alunos criaram landuás, peneiras e varas que utilizavam para a pesca nos rios e fizeram parte da apresentação e cenário. Em conjunto criamos uma pequena coreografia com a música “Sereia de Água Doce”. Apesar de não ser o foco principal do projeto naquele momento, foi necessário colocar em discussão as questões étnico-raciais e os preconceitos relacionados a cultura afro-brasileira expressa nesse caso pela música. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004), “a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime”. Este trabalhou se mostrou rico de significados e urgências para a inclusão de elementos da cultura corporal de movimento que represente os alunos, como a ciranda e o samba de roda, as cantigas que rememoram suas lembranças, os ofícios e experiências de vida dos alunos. Assim, é importante que a Educação Física seja espaço de luta por uma “educação descolonizada e compromissada com a superação do racismo” (CAFÉ; POMIM, 2020). Considerações finais: observa-se a necessidade de aprofundar as discussões e efetivar a aplicação da Lei 10.639/2003 para além de momentos pontuais e projetos, onde seja respeitada a diversidade sociocultural dos estudantes, através de ações que contemplem a reflexão, o conhecimento e participação de todos.


Palavras-chave: Educação Física; EJA; Relações Étnico-Raciais.



SLACKLINE: O QUE ESTÁ POR VIR


Marina Morais de Lima


<https://orcid.org/0000-0002-6108-8275> 

<http://lattes.cnpq.br/5730891650353962> 

marina.m.lima@unesp.br

Márcio Pereira da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-9123-9775> 

<http://lattes.cnpq.br/1750725376898635> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

marcio.pereira-silva@unesp.br

Resumo


A Educação Física Escolar obteve grande ressignificação ao longo dos anos, desde sua concepção, a qual utilizava a linha de ensino voltada para vertente tecnicista. Durante essas fases, a metodologia utilizada era a do ensino das técnicas, com a intencionalidade de aptidão física, através dos ensinamentos dos esportes tradicionais. Como forma de ofertar conhecimentos para além dos esportes tradicionais na escola, através da cultura corporal de movimento, considero necessário trabalhar os esportes de aventura, mesmo que de maneira adaptada, mas que possa propiciar aos estudantes interações, experiências, diálogos e reflexões, capazes de afetá-los de maneira significativa, ligando o “saber fazer” ao “saber”. Além dos benefícios mencionados acima, também vale ressaltar o impacto de abordar os esportes de aventura com relação ao meio ambiente. Reconhecendo a necessidade de se desenvolver a temática do esporte de aventura para além do procedimento conceitual, propus trabalhar o Slackline como uma oportunidade de vivência prática na escola, com o objetivo de aumentar e instigar o interesse dos estudantes pelas aulas que compõem este universo. Utilizei o Slackline como prática de aventura diferenciada, o qual é definido como [...] modalidade esportiva de equilíbrio pode ser praticada de diversas formas, como: em grandes alturas, sobre a água, com manobras e é realizada sobre uma fita de nylon, que pode ter entre 2,5 a 5 centímetros de largura, com flexibilidade variável e em alturas que vão desde 30 centímetros do solo até mais de uma centena de metros [...] (PEREIRA, 2013, p. 4). As aulas tiveram início entre o primeiro e o segundo semestres de 2021, com participação de estudantes do oitavo e nono ano do ensino fundamental II. Foram ofertadas aulas conceituais sobre os esportes de aventura, aprofundando o conhecimento no Slackline, desde a sua história, vídeos de entrevistas, campeonatos, montagem do equipamento e sua iniciação. Partimos de uma vivência prática na escola, onde o(a) alunos(as) tiveram que caminhar sobre o Slackline, de uma ponta a outra, inicialmente contando com meu auxílio para se equilibrar. Em seguida, os próprios alunos criaram propostas e alternativas para solucionar os problemas táticos. Com isso, aumentamos o grau de dificuldade, conforme o nível de vivência. Ao final do processo, os estudantes produziram um seminário sobre a experiência prática e historicidade do Slackline. As aulas contribuíram para instigar os alunos acerca dos esportes de aventura, principalmente sobre o Slackline. O desenvolvimento das ações procedimentais e atitudinais propiciou que todos participassem das aulas e fossem motivados a fazê-las, motivando, assim, uns aos outros. Torna-se cada vez mais notória a importância de aulas para além do ensino de conteúdos tradicionais, e dos percursos procedimentais e atitudinais nas aulas de Educação Física, trazendo o significado, conceito, crítica, autonomia e vivência para o desenvolvimento dos estudantes. Portanto, o Slackline pode ser considerado um excelente conteúdo para se explorar dentro do universo dos esportes de aventura, de fácil aplicação, enriquecendo os conteúdos da área.


Palavras-chave: Slackline; Educação Física Escolar; Vivência; Prática; Esportes de Aventura.



TEMATIZANDO O RUGBY NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Alisson Aurélio Rosa

<https://orcid.org/0000-0002-1290-8142> 

<http://lattes.cnpq.br/0155027245539897> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

alissonaurelio@estudante.ufscar.br

Resumo

O presente relato de experiência buscou embasar seu trabalho nos Estudos Culturais, atendendo à proposta curricular de Educação Física da rede SESI/SP de ensino, a qual visa, por meio da cultura corporal de movimento, a multiplicidade de cultura do público escolar, subsidiando as intervenções pedagógicas dos professores, valorizando os saberes dos estudantes para, em seguida, aprofundar e ampliar seus conhecimentos sobre o tema em estudo. Esta proposta foi desenvolvida no 2º semestre de 2021, com as turmas A, B e C do 7º ano do Ensino Fundamental da escola SESI/Araraquara durante a realização dos Jogos Olímpicos, que despertaram para a temática em questão com as ações desenvolvidas pelas professoras de Língua Portuguesa, que trabalharam em suas aulas o gênero textual entrevista propiciando aos alunos e alunas um primeiro contato com a modalidade esportiva. A estratégia utilizada pelas professoras foi contatar a equipe feminina de rugby do Brasil para, juntamente com os estudantes, elaborarem perguntas que pudessem ser feitas às atletas que culminou na construção de um vídeo com as respostas das jogadoras. Um dos pontos mais marcantes foi a entrevista online com a principal atleta da seleção brasileira, levando os/as adolescentes a se interessarem pela tematização do rugby nas aulas de Educação Física. A partir daí, valorizando a experiência didática desenvolvida e identificando as informações assimiladas pelas três turmas, o professor de Educação Física organizou o percurso a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: mapear; ler; vivenciar; ressignificar; aprofundar; ampliar; registrar e avaliar. A escuta e o diálogo foram constantes durante todo o processo, pois a necessidade de adaptar o rugby à nossa realidade tornou-se necessária para a inclusão de todos/as nas vivências propostas. Como considerações a serem ressaltadas do trabalho durante as aulas de Educação Física, podemos evidenciar que a proposta recusou a mera transmissão de conteúdo, pois de modo democrático assumiu o compromisso de reconhecer os saberes das três turmas sobre o rugby, que estavam latentes com as ações utilizadas pelas professoras de Língua Portuguesa. Partindo para as vivências, com base no que foi mapeado e com a intenção de alcançar os objetivos estabelecidos, ficou acordado com todos os envolvidos que refletissem em brincadeiras, que já haviam sido experimentadas, na qual a invasão de território fosse uma característica se aproximando da dinâmica do rugby. Os estudantes então sugeriram o pique-bola-bandeira como primeira situação de aprendizagem. Posteriormente, com a intenção de aproximar dos questionamentos de muitos adolescentes, que viam no rugby um esporte agressivo, foi apresentado o flagball, jogo que tem características comuns a modalidade esportiva estudada, porém, sem o contato físico, tendo como premissa a participação de todos durante as vivências. Aprofundar os conhecimentos, atendendo a curiosidade de muitos dos envolvidos, foi apresentado diferenças do rugby e do futebol americano como uma estratégia. Diante das ações efetivadas, podemos afirmar que o retorno dado pelos alunos e alunas foi significativo.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Estudos Culturais; Experiência Didática; Rugby.





Seção:
Educação Física no Ensino Médio



A PERCEPÇÃO CORPORAL DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO RETORNO AS AULAS PRESENCIAIS


Edevaldo Gonçalves Siqueira


<https://orcid.org/0000-0003-2969-5531> 

<http://lattes.cnpq.br/5405390997539789> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)
edevaldo789@gmail.com


Diana de Souza Moura


<https://orcid.org/0000-0002-7240-7307> 

<http://lattes.cnpq.br/2468925446481937> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)
diannamoura19@gmail.com

Natália Bianca Bruni de Lara

<https://orcid.org/0000-0001-7278-4594> 

<http://lattes.cnpq.br/3960838217650916> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)
nathy.lara@hotmail.com

Resumo


Os estudantes estão retornando de forma gradual as atividades escolares presenciais por todo o país, uma vez que desde o ano de 2019, eles estavam no ensino remoto em decorrência da Covid-19. No estado de Mato Grosso, o governo decretou o retorno de 100% dos estudantes nas atividades escolares presenciais, e desde então a maioria deles retornaram as salas de aula, contudo, nota-se que uma boa parcela deles retornaram com sobrepeso, além de apresentarem dificuldades motoras nas aulas práticas de Educação Física, causa identificada na conversa com os alunos pela ausência de atividade física neste longo período em casa. Notando este déficit, procuramos realizar com turmas do ensino médio um trabalho diagnóstico. Este relato tem como objetivo apresentar as percepções de turmas do primeiro ao terceiro ano do ensino médio de uma escola da rede estadual na cidade de Várzea Grande no Estado de Mato Grosso, na disciplina de Educação Física. Como diagnóstico foi utilizado um trabalho de avaliação antropométrica com aferição de pressão arterial e testes de capacidades físicas, neste trabalho os estudantes puderam compreender sobre avaliação antropométrica, conceito, importância, preencheram uma anamnese, mediram peso e altura, realizaram o cálculo do índice de massa corporal, mediram a circunferência abdominal, fizeram testes físicos como: teste de flexibilidade, de impulsão horizontal, de corrida de ir e vir ou Shuttle Run, aferiram pressão arterial, realizaram leitura de protocolos, manusearam objetos e equipamentos, tais como, fita métrica, balança, e equipamento de aferição de PA, acompanhados do professor. Na última questão do trabalho impresso, foi proposto para que eles fizessem uma autoavaliação tendo em vista os resultados dos testes e medidas, sendo que se não alcançassem o resultado esperado, quais seriam as ações que deviam ser tomadas para a melhoria da qualidade de vida. Todo esse trabalho tem o aluno como protagonista, como alguém que precisa olhar para o seu corpo e se sentir bem com eles mesmos, as respostas do último questionamento foram diversas, em sua maioria, os que não tiveram os resultados esperados disseram que precisam voltar a praticar alguma atividade física e fazer dieta de emagrecimento, outros revelaram medo dos resultados, outros evidenciaram os pontos que ainda precisam melhorar, outros relacionaram seu bom desempenho por praticar esportes e ter uma boa alimentação. Sobre minhas considerações enquanto professor, observei muitos estudantes conscientes que não estavam bem fisicamente, mas que ao conseguirem realizar com sucesso os testes físicos se expressavam de forma alegre e motivados. Refletimos que por mais que as medidas e desempenhos de alguns não foram o esperado ou mesmo não os agradaram, o importante era que eles percebessem onde poderiam melhorar, e que as ações necessárias para essas melhorias poderiam determinar uma vida longa e saudável.

Palavras-chave: Percepção Corporal; Estudante; Ensino Médio.



AS PRÁTICAS CORPORAIS COMO ARTICULADORAS DA APROXIMAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE

Jean Felipe Ramalho e Silva


<https://orcid.org/0000-0001-9100-3853> 


<http://lattes.cnpq.br/0073249741260045> 

Secretaria de Educação do Estado da Bahia (Salvador, BA – Brasil)

jean.ramalho@nova.educacao.ba.gov.br

Erineusa Maria da Silva


<https://orcid.org/0000-0002-8736-6739> 


<http://lattes.cnpq.br/0169716321962324> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

erineusams@yahoo.com.br

Ueberson Ribeiro Almeida

<https://orcid.org/0000-0001-9255-4542> 

<http://lattes.cnpq.br/1735265888095821> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

ueberonribeiro@hotmail.com

Resumo


As Práticas Corporais como articuladoras da relação escola-comunidade foi o objeto de análise deste estudo, fruto de uma pesquisa realizada no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede/Cefd/Ufes, nos anos de 2019/2020. As reflexões construídas ao longo do processo foram produzidas a partir de vivências, experiências e construções coletivas em uma escola pública de Ensino Médio da Rede de Educação Estadual da Bahia, localizada no município de Prado/BA. No contexto de atuação docente, nessa escola, a frágil relação escola-comunidade sempre foi um problema bastante presente e que impactava diretamente o fazer pedagógico. Percebemos que essa frágil relação dificultava aspectos como a vinculação do conteúdo das aulas de Educação Física com fatores da realidade local e a participação efetiva da comunidade em diversos aspectos da gestão escolar. A partir destas observações, foram sistematizadas estratégias que subsidiaram a compreensão das possibilidades e entraves do trabalho pedagógico com as Práticas Corporais com vistas à aproximação entre escola-comunidade. A opção de lançarmos mão de uma série de ações construídas de forma coletiva ao longo do estudo, aproximou-nos dos princípios do método da pesquisa-intervenção. De acordo com Sato (2008), este método funda-se em um processo contínuo de negociação entre todos os sujeitos envolvidos na pesquisa e seus resultados são fruto de uma abertura ao contexto e suas particularidades econômicas, sociais e culturais. Assim, as intervenções realizadas foram fruto de uma ampla investigação em que estudantes, pais, mães, responsáveis legais, professoras, professores, gestores e gestoras participaram ativamente na construção das proposições e debates, fomentados por meio de oficinas pedagógicas, realizadas nas aulas de Educação Física e ministradas em colaboração com membros da comunidade local. Essas atividades tematizaram as Práticas Corporais comunitárias, mapeadas e sinalizadas pelos/as estudantes e culminaram na realização de uma gincana temática com participação ativa e escuta sensível da comunidade escolar. A partir disso, os dados produzidos foram analisados tendo como referência estudos de autores como Bauman (2003), que discute os aspectos da formação de comunidades na “Modernidade Líquida”; Paro (2016), que traz o debate da escola como instituição democrática e participativa; Silva (2014), que discute o conceito de Práticas Corporais e Sennet (2009), que nos auxiliou na problematização da escola como espaço público. As percepções conclusivas indicaram que o trabalho pedagógico com as Práticas Corporais vivenciadas nos entornos da escola é uma via possível de aproximação entre escola-comunidade, pois pode fortalecer a identificação entre a escola e a comunidade, bem como promover a participação ativa e protagonismo dos sujeitos. A intervenção com as Práticas Corporais forneceu indícios de que a formação da comunidade escolar é constituída também por atitudes antidemocráticas privatizantes da vida, do espaço público, da escola.


Palavras-chave: Educação Física; Comunidade e Escola; Práticas Corporais.



ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NO ENSINO MÉDIO

Patricia Gehrke


<https://orcid.org/0000-0002-7357-7009> 

<http://lattes.cnpq.br/2261910776435186> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

patricia-gehrke@educar.rs.gov.br

Isis Alessandra Spohr Recchi Leão

<https://orcid.org/0000-0003-0043-934X> 

<http://lattes.cnpq.br/6050815535782263> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

isisrecchi@gmail.com

Resumo


As atividades físicas de aventura são uma temática que está presente na matriz curricular do estado do RS no componente curricular de educação física, de suma importância para o litoral norte pois trazem diversos benefícios econômicos, sensibilização e contemplação com o meio ambiente, porém muitas não são de conhecimento dos professores. Essa legitimação tem como objeto de conhecimento atividades na dimensão conceitual, procedimental e atitudinal de Parkour, surfe, kitesurf, Stand up Paddle slackline, trilhas, escalada, e são de encantamento para os alunos do Ensino Médio. O presente trabalho tem como objetivo trazer a visão que os alunos tiveram no Ensino Fundamental com a construção de um mapa mental de sua trajetória na Educação Física, proporcionando reflexão sobre as temáticas do componente curricular. Realizado em quatro turmas do Primeiro ano do Ensino Médio pela professora regente para os alunos que ingressam na Escola Estadual do município vindo de quatro escolas municipais na sua maioria. A associação dos alunos vai ao encontro do quarteto fantástico somente, sendo necessário e emergente esses momentos de diálogos e ressignificação no Ensino Médio, a fim de validar a presença dessa temática, demonstrando sua importância e seus benefícios.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Ensino Médio; Atividades Físicas de Aventura; Meio Ambiente.



AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DESAFIOS À PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NA ESCOLA

Chrystianne Kerlenn Vanderley Sobral


<https://orcid.org/0000-0001-5972-5864> 


<http://lattes.cnpq.br/9272012260178281> 

Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (João Pessoa, PB – Brasil)

chryskerlenn@hotmail.com

Lívia Tenorio Brasileiro

<https://orcid.org/0000-0002-5864-1148> 

<http://lattes.cnpq.br/2051780563718960> 

Universidade de Pernambuco (Recife, PE – Brasil)

livia.brasileiro@upe.br

Resumo


A pesquisa parte de inquietações a respeito do que efetivamente estamos avaliando, como avaliamos, o que pretendemos com essa avaliação e o que o estudante fará com este resultado para melhorar sua aprendizagem. Sendo assim, delimitamos como problema: como tratar os desafios presentes na avaliação das aulas de Educação Física do Ensino Médio? Nosso objetivo geral foi analisar os limites e as possibilidades presentes em um processo de avaliação de aulas de Educação Física de uma turma de Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino da Paraíba. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada em duas etapas: uma revisão da literatura, onde situamos as discussões sobre avaliação na Educação e na Educação Física e uma pesquisa de campo, onde realizamos uma pesquisa-ação com uma turma do Ensino Médio de uma Escola da Rede de Ensino da Paraíba, situada em Campina Grande. Recorremos a três instrumentos: entrevista com dois gestores da instituição, com o intuito de compreender o sistema de avaliação da escola; diário de campo das aulas do 4º bimestre de 2019 com a turma do 3º ano C; e um questionário com os estudantes participantes, para reconhecer o processo avaliativo. Para a análise de dados recorremos a uma análise descritiva, descrevendo com densidade ações desenvolvidas através de narrativas das aulas. Reconhecemos que refletir sobre uma avaliação em Educação Física que procure desenvolver meios próprios de avaliar, mas que também utiliza instrumentos comuns aos outros componentes mostra-se como um desafio. Percebemos que ao repensar a avaliação nas nossas aulas, a partir do reconhecimento do par dialético objetivo/avaliação, recorrendo a uma diversidade de instrumentos de avaliação, permitimos que os mesmos compreendam como chegamos a uma nota ou conceito e seu processo de aprendizagem. Ao (re)pensar a prática pedagógica, observamos que para avaliar é necessário que os estudantes reconheçam que este componente possui um conteúdo com inúmeras especificidades e é necessário que o(a) professor(a) utilize diversas formas de avaliá-los para que eles possam pensar e agir criticamente frente aos conteúdos apresentados.


Palavras-chave: Avaliação; Ensino Médio; Educação Física.



DISCUSSÕES SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Cristina Maria dos Santos Saueia Ramos


<https://orcid.org/0000-0003-0181-3305> 


<http://lattes.cnpq.br/5823139172765795> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

saueiacristina@gmail.com

João Batista dos Reis Viana


<https://orcid.org/0000-0002-1537-7025> 


<http://lattes.cnpq.br/3231799338323064> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

joao.viana2@gmail.com

Joeser Álvares da Silva Júnior

<https://orcid.org/0000-0001-9472-9617> 

<http://lattes.cnpq.br/449533555574105> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

joeser.asj@gmail.com

Resumo


Essa experiência de aula híbrida de Educação Física, foi realizada no contexto pandêmico, em uma escola estadual da região central no município de Rondonópolis/MT, com alunos de três turmas do Ensino Médio Inovador. A aula foi desenvolvida em abril de 2021 de forma *online* pelo *Google Classroom*, sendo que muitos alunos por não possuírem acesso adequado as tecnologias optaram pelo sistema apostilado. O conteúdo da aula foi a classificação dos esportes tomando como referência Gonzalez (2014), para o conteúdo conceitual. Para essa intervenção, além dos alunos e da professora, mestranda do ProEF/2021, a aula contou com a participação de mais dois mestrandos também do ProEF/2021. Na intervenção foi apresentado um vídeo que fez parte de uma campanha publicitária dos canais ESPN em março de 2016 comemorando o Dia Internacional da Mulher, e que lançava o portal EspnW, uma plataforma digital esportiva para as mulheres. O vídeo tinha o nome de *Invisible Players* - Jogadoras invisíveis, e as pessoas tinham que dizer o nome de ídolos do Futebol, Basquete e Surf observando somente as silhuetas dos atletas nas imagens do vídeo. E antes de mostrar de qual atleta era cada silhueta foi pausado o vídeo e perguntado aos alunos quem eles achavam que era cada um dos personagens. Os alunos deram várias opiniões, citando somente atletas homens, e depois de dar continuidade ao vídeo os alunos ficaram surpresos, pois todas as silhuetas eram de atletas mulheres. Em seguida foi proposto um debate a acerca das questões: gênero nas aulas de EF, a mulher no esporte, a mulher na sociedade, discriminação da mulher. Nas discussões as meninas colocaram se eram ou sentiam-se excluídas durante as aulas e isso gerou mais discussões de como o professor proceder em relação a elas nas aulas, o respeito, o padrão de beleza e a vergonha das meninas nas atividades, o sistema patriarcal gerado pela cultura, profissões que tem mais homens e mais mulheres, ou outras situações reais que vivem em casa, podendo gerar conscientização de mudança de realidade nas questões de gênero vivido dentro de suas famílias e na escola. Conforme coloca Souza Júnior (2021, p. 157,158) “a instituição escolar não pode se furtar do compromisso de permitir que seus alunos se sintam em casa no mundo, independentemente de suas características físicas, classe social, cor de pele, identidade de gênero, orientação sexual, orientação política, religiosidade etc. Esta experiência também compôs uma atividade dos mestrandos do ProEF dentro da disciplina Problemáticas da Educação Física, e que gerou um novo debate através de uma videoconferência relacionada as discussões das questões de gênero nas aulas de Educação Física, a respeito de como devem ser as nossas intervenções junto aos nossos alunos, tendo a preocupação de se evitar a discriminação em relação as meninas ou de qualquer espécie, pois como assegura Darido e colaboradores (2021, p. 111), “Trabalhar para assegurar que todos os alunos, independentemente de suas características, tenham experiências positivas na disciplina é um desafio e responsabilidade que se impõe a todo coletivo de professores que ministra este componente.”


Palavras-chave: Educação Física; Ensino Híbrido; Meninas no Esporte.



EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: A UTILIZAÇÃO DO LICHESS COMO FERRAMENTA DE ENSINO

Claudionor Nunes Cavalheiro


<https://orcid.org/0000-0003-2695-0103> 


<http://lattes.cnpq.br/3888600404188444> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (Primavera do Leste, MT – Brasil)

claudionor.cavalheiro@ifmt.edu.br

Andreia Nunes de Castro

<https://orcid.org/0000-0002-6821-3825> 

<http://lattes.cnpq.br/7758852812995994> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (Primavera do Leste, MT – Brasil)

andrea.castro@pdl.ifmt.edu.br

Resumo


Trata o presente o relato de experiência realizada no Instituto Federal de Mato Grosso – *Campus Primavera do Leste* com o projeto de ensino denominado “Um xeque mate na Pandemia”. O projeto foi realizado entre os meses de junho e agosto do ano de 2020, época do pico do isolamento social na cidade de Primavera do Leste – MT. A pandemia do Coronavírus impactou a sociedade de uma forma que poucos esperavam. O isolamento social, imposto como forma de mitigar a propagação do vírus, trouxe efeitos colaterais que afetaram consideravelmente a saúde mental da população mundial. Nas escolas do todo o Brasil, foi implantado o sistema de ensino remoto, com aulas e atividades *online*, afastando os estudantes e servidores da educação do ensino presencial, isolando-os em suas residências. Com o objetivo de mitigar os efeitos do isolamento social e incentivar a prática do xadrez, o projeto foi implantado e desenvolvido no *Campus* do referido Instituto Federal. Nesta perspectiva, foram utilizados dois aplicativos: o Lichess para os jogos de xadrez *online* e o WhatsApp para socialização entre os participantes e momentos de análise e discussão do xadrez. No Lichess desenvolveram-se atividades relacionadas ao jogo, movimentação das peças, desenvolvimento do jogo, meio-jogo e finais, bem como outras funcionalidades ofertadas pelo aplicativo. No WhatsApp, diariamente eram disponibilizados quebra-cabeças relacionados ao xadrez para que os participantes resolvessem os problemas, bem como frases e conselhos dos grandes enxadristas, gerando debates entre os participantes. Os torneios *online* e o espaço de discussão gerados no grupo, fortaleceram os laços de amizade e companheirismo entre os participantes. Ao término do projeto, este demonstrou ser viável e alcançou os resultados esperados, unindo os participantes em torno do jogo de xadrez, ao mesmo tempo em que todos tiveram um espaço para compartilhar momentos de descontração e decompressão dos problemas gerados pelo isolamento social.


Palavras-chave: Xadrez; Pandemia; Isolamento Social.



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E PANDEMIA: CONTEÚDOS E METODOLOGIAS PARA ALÉM DA PRÁTICA

Marcelo Skowronski

<https://orcid.org/0000-0003-4219-3974> 

<http://lattes.cnpq.br/5598728282091749> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (Primavera do Leste, MT – Brasil)
marcelo.skowronski@ifmt.edu.br

Resumo


O avanço do novo coronavírus pelo mundo no início de 2020 promoveu a necessidade de adaptações estruturais e comportamentais em diferentes setores da sociedade. Na educação, o ensino remoto foi uma das alternativas encontradas para a continuidade do ano letivo. Assim como os demais componentes curriculares, a Educação Física passou a ser ministrada sem a presença dos estudantes em sala ou nas quadras. Conhecida tradicionalmente pelas atividades práticas, a Educação Física viveu diferentes fases em busca de legitimidade. Modificou-se, porém, ainda é identificada como uma disciplina prática. Nessa direção, como seria seu desenvolvimento sem a experiência corporal nas diferentes práticas da cultura corporal? Que saberes (TARDIF) deveriam ser mobilizados para o exercício da docência? Tais questões permitiram a construção do relato de experiência em questão. A análise parte das aulas de Educação Física realizadas com sete turmas de ensino médio técnico integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), campus Primavera do Leste. O período compreende o início das aulas em regime remoto, abril de 2020 e se estende até julho de 2021, ainda com aulas não presenciais. Como fonte de análise e interpretação dos resultados, foram levados em consideração os 'diários de casa' do professor, onde estavam registradas as impressões sobre as aulas realizadas em tempo real, através das *lives* via *Google Meet*. As aulas eram quinzenais e tinham duração de uma hora. Complementarmente, através de questionários trimestrais feitos com o recurso do *Moodle*, objetivou-se colher a avaliação dos estudantes frente ao ensino e aprendizagem da Educação Física. Os registros permitiram a criação de três categorias de análise: conteúdos; metodologias e estratégias de ensino na Educação Física em aulas remotas; prejuízos de aprendizagem. Evidenciou-se o predomínio de uma abordagem prioritariamente conceitual dos conteúdos. Para chegar até os estudantes e obter o retorno dos mesmos em relação aos conteúdos propostos, foram utilizadas ferramentas como o *Google Meet*, *Google Classroom*, *YouTube*®, *Moodle*, *e-mail*, *WhatsApp*®, *Kahoot*®, materiais impressos e digitais produzidos pelo próprio professor. Ainda que a realidade do IFMT permitisse fornecer computadores e auxílio internet aos estudantes de baixa renda, os prejuízos na aprendizagem emergiram pela dificuldade dos discentes em utilizar as ferramentas virtuais; estudar no mesmo ambiente de convivência familiar; problemas de saúde e desemprego de membros da família que forçaram alguns estudantes ao ingresso no mercado de trabalho. Mesmo que a análise represente apenas 1/3 das turmas do *campi* e dada a estrutura fornecida pelo IFMT aos discentes no ensino remoto, algo distante para muitas escolas públicas, entende-se que a EF teve prejuízos no processo de aprendizagem decorrente do rompimento abrupto com o que se constituiu historicamente como local de aprender: a escola, a sala de aula, a quadra. Por outro lado, coube ao docente mobilizar saberes até então desconhecidos e acima de tudo reforçar a intencionalidade pedagógica do componente curricular na escola.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Ensino Remoto; Conteúdos; Metodologias.



EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: PRESENTE!

Patricia Gehrke


<https://orcid.org/0000-0002-7357-7009> 

<http://lattes.cnpq.br/2261910776435186> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

patricia-gehrke@educar.rs.gov.br

Isis Alessandra Spohr Recchi Leão

<https://orcid.org/0000-0003-0043-934X> 

<http://lattes.cnpq.br/6050815535782263> 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, RS – Brasil)

isisrecchi@gmail.com

Resumo


A Educação Física no âmbito escolar é legitimada por documentos norteadores da educação, os quais têm na sua composição a segmentação por unidades temáticas. Tendo como responsabilidade republicana e democrática do educador a incumbência de possibilitar essas vivências com o compromisso da diversidade e da inclusão escolar, ampliando o vocabulário psicomotriz dos alunos e também a identidade cultural corporal com foco no movimento na dimensão: conceitual, procedimental e atitudinal. Tendo isso em vista, ressaltando e transcendendo o olhar desse componente curricular para a educação inclusiva através de práticas e teorias que reflitam sobre alguns tipos de deficiências. O desenvolvimento das temáticas nas aulas de Educação Física envolvendo alunos que têm deficiências ainda gera desconforto e muitos desafios que não são experimentados na nossa formação. Alguns professores consideram alguns alunos incapazes de desenvolver atividades, mas muitas vezes apenas um olhar e estimulação faz com que esse preconceito e inibição se transforme em um exercício de empatia e de evolução. Sabendo disso, o presente trabalho teve como objetivo proporcionar para 2 turmas do 3º ano do Ensino Médio a sensibilização de uma pessoa que tenha Deficiência visual, com o uso de vendas, pela escola, com ou sem auxílio de colegas – guia/guiado –, assistir a um vídeo que mostra o “Figue”, um surfista que é deficiente visual e sua trajetória, fazer exercícios proprioceptivos de venda e redigir um relato de experiência que será compartilhado entre a turma em um seminário. As aulas foram realizadas nos espaços disponíveis na escola sendo eles a quadra esportiva, sala de audiovisual e os corredores. Nesta atividade foi oportunizada a sensibilização de uma educação inclusiva ímpar, tanto que na sequência fizemos vários jogos paralímpicos - começando pelo goalbol e vôlei sentado- pelo interesse dos alunos. Ficou evidente a necessidade de humanização nos processos ensino aprendizagem na escola, pois, a educação é aquela que nos faz humanos. Temos que inclinar um movimento de tensionamento pela singularidade de cada um, com responsabilidade coletiva, ao encontro de uma educação física para todos.


Palavras-chave: Educação Física Escolar; Educação Inclusiva; Ensino Médio.



ESGRIMA ELETRÔNICA: UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NA ESCOLA PÚBLICA

Natália Bianca Bruni de Lara


<https://orcid.org/0000-0001-7278-4594> 


<http://lattes.cnpq.br/3960838217650916> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

nathy.lara@hotmail.com

Diana de Souza Moura


<https://orcid.org/0000-0002-7240-7307> 


<http://lattes.cnpq.br/2468925446481937> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

diannamoura19@gmail.com

Edevaldo Gonçalves Siqueira

<https://orcid.org/0000-0003-2969-5531> 

<http://lattes.cnpq.br/5405390997539789> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

edevaldo789@gmail.com

Resumo


O presente relato de experiência visa compartilhar o trabalho desenvolvido com as turmas de 1º anos do Ensino Médio, na Escola Estadual Adolfo Augusto de Moraes (situada no município de Rondonópolis/MT), pelo componente curricular Educação Física, objetivando viabilizar aos estudantes, espaços nas aulas para a compreensão acerca da esgrima (em seus aspectos históricos, sociais e culturais), a vivência de seus principais movimentos (de maneira adaptada) e a construção de uma esgrima eletrônica. Buscando atender as competências dispostas nos documentos oficiais que regem a Educação Básica, assim como promovendo ações inovadoras, estimulando a construção de novos saberes, diversificando o currículo, e proporcionando espaços mais inclusivos e significativos. Essa proposta alicerça-se em uma vivência interdisciplinar entre os componentes curriculares Educação Física, Física e Matemática. Para tanto, os procedimentos metodológicos utilizados para a concretização da esgrima eletrônica seguiram as seguintes etapas: primordialmente foram encaminhados materiais aos estudantes para que realizem as leituras acerca da história, regras, equipamentos e demais curiosidades no que se refere a esgrima; em seguida foi organizado uma “roda de conversa” para que os estudantes compartilhassem as compreensões formadas a partir das leituras dos materiais disponibilizados, assim como dúvidas e anseios; ao final da discussão os estudantes foram convidados a conhecerem/vivenciarem alguns movimentos e golpes realizados na esgrima; visando a continuidade da proposta, a docente compartilhou a ideia da construção de uma esgrima eletrônica com os estudantes, desafiando-os a produzirem; após demonstrarem interesse na proposta, os discentes foram orientados a pesquisarem possibilidades de produções de uma esgrima eletrônica, a fim de socializarmos os resultados das pesquisas no dia (13/09/2021); para tanto, participaram dessa reunião: professores de Educação Física, Física, Matemática e estudantes dos primeiros anos. Após muitas discussões e compartilhamentos, construímos um projeto simples de esgrima eletrônica e marcamos o dia 24/09/2021 (13h00min) para principirmos a oficina e efetivarmos a construção da proposta. Dessa forma, nos reunimos no laboratório de Ciências da Natureza e separamos os materiais para começarmos a construção, que foi marcado pelas atividades que envolveram a montagem de circuitos, as ligações eletrônicas simples, recortes, preparação de fios, soldagem eletrônica, montagens, testes, programações, entre outras. Assim que concluímos a produção da esgrima eletrônica, fizemos um teste final para sabermos se o projeto havia obtido êxito ou não, e ao ligarmos o experimento observamos um resultado positivo. Ao concluirmos a atividade, foi possível observar que preliminarmente os estudantes estavam desmotivados e poucos envolvidos com a proposta, uma vez que uma parcela de discentes deposita nas aulas de Educação Física um espaço meramente voltado para o lazer, viabilizando a vivência das modalidades esportivas que sejam de maior apelo por eles, e a outra parcela encontra-se desmotivada, ação esta que pode ser explicada pelos quase dois anos que não frequentaram as escolas (em razão da COVID-19), ou simplesmente por não sentirem afinidade e representatividade no componente curricular em questão. No entanto, conforme a professora de Educação Física ia provocando e inserindo os estudantes nesse desafio, o interesse e a participação nas aulas aumentavam, contribuindo para que alcançássemos os objetivos apresentados primitivamente.


Palavras-chave: Escola Pública; Ensino Médio; Educação Física; Esgrima Eletrônica.



IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Cristina Maria dos Santos Saueia Ramos


<https://orcid.org/0000-0003-0181-3305> 


<http://lattes.cnpq.br/5823139172765795> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

saueiacristina@gmail.com

João Batista dos Reis Viana


<https://orcid.org/0000-0002-1537-7025> 


<http://lattes.cnpq.br/3231799338323064> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

joao.viana2@gmail.com

Joeser Álvares da Silva Júnior

<https://orcid.org/0000-0001-9472-9617> 

<http://lattes.cnpq.br/449533555574105> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

joeser.asj@gmail.com

Resumo


Um problema relevante identificado durante as aulas de Educação Física é a diminuição da participação discente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, principalmente pelas meninas (esse problema serviu como tema-gerador para nossa ação). A isso, associamos as questões de gênero que geralmente influenciam a pouca participação das meninas, pois as restrições a elas pelos meninos acontecem comumente exigindo uma atuação próxima dos professores. Assim desenvolvemos uma ação objetivando buscar superar problemas relacionados as questões de gênero nas aulas de Educação Física do Ensino Médio, através do debate, mostrando a relevância das meninas nas aulas e a importância da equidade para o convívio social. A ação aconteceu no primeiro semestre de 2021 em uma escola pública durante uma aula online ao vivo com a participação de 6 alunos (5 meninas/ 1 menino), mais 3 professores de Educação Física e um de Língua Portuguesa. Desse modo, ancoramos numa proposta Freiriana de temas-geradores, que pensa numa educação contextualizada, problematizada e interdisciplinar e intenciona uma formação crítica sobre fenômenos relacionados ao contexto social, procurando transformar a realidade através de temas geradores como método de ensino. Elaboramos 6 perguntas pertinentes a temática discutida direcionadas aos alunos, sendo 4 para as meninas, uma para os meninos e uma para todos (Situação Limite: 'a cultura de que menina não sabe nada de Educação Física e deve ficar quieta'). No primeiro momento da aula se contextualizou a problemática abordada, em seguida os alunos responderam às perguntas. As respostas foram passadas à professora da turma para análise e sistematização. Depois abriu-se o debate para que alunos e professores expusessem suas considerações. Finalmente, aproveitando conteúdo 'Gênero Notícia' trabalhado com o professor de Língua portuguesa, os alunos socializaram uma notícia num Aplicativo escolhido por eles, com propostas da discussão objetivando incluir as meninas na Educação Física. Mesmo com um grupo pequeno devido a Pandemia que estamos vivendo, fica evidente a percepção de que os problemas de gênero estão presentes durante nossas aulas. Supomos que sejam problemas menos relevantes e graves como acontecem comumente na sociedade, porém, as situações em que as meninas são inferiorizadas nas aulas devido a falta de habilidades, por exemplo, pode se agravar e tornar-se um problema mais sério se não for debatido e superado a tempo. Os meninos precisam chegar à conscientização para superar esse problema. Conforme afirma Tozoni-Reis (2006, p. 102), referindo-se a Paulo Freire, "ao se aprofundarem no conhecimento da realidade, realidade vivida, real e concretamente pelos sujeitos, os educandos têm as possibilidades de emergir no conhecimento de sua própria condição, de sua própria vida." Isso implica numa reviravolta de como os meninos passam a enxergar as meninas nas aulas e demais situações cotidianas. Essa proposta de alternativa sugere-nos que pensemos nossa prática pedagógica e social junto aos alunos, para superarmos nossas limitações com essas problemáticas. Talvez precisemos desenvolver novas metodologias, buscar estratégias interdisciplinares, pois como coloca Costa e Pinheiro (2013, p. 39) "grande desafio do professor é construir práticas que propiciem aos alunos uma visão mais crítica do mundo que o rodeia."


Palavras-chave: Educação Física; Ensino Híbrido; Igualdade de Gênero.



JÚRI SIMULADO: COMPETIÇÕES ESPORTIVAS DEVEM SER ORGANIZADAS PELO SEXO BIOLÓGICO?

Karina Polezel de Sales


<https://orcid.org/0000-0003-4269-8462> 


<http://lattes.cnpq.br/9634811521506926> 

Secretaria Municipal de Educação (Rio Claro, SP – Brasil)

karinasales@estudante.ufscar.br

Mariama Silva Gouvêa Barreto


<https://orcid.org/0000-0002-9163-2323> 


<http://lattes.cnpq.br/1554038584976339> 

Secretaria Municipal de Educação (Praia Grande, SP – Brasil)

mariamabarreto@estudante.ufscar.br

Osmar Moreira Souza Júnior


<https://orcid.org/0000-0002-2915-5634> 


<http://lattes.cnpq.br/9176123942671062> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

osmar@ufscar.br

Rafaela Pereira Cintra


<https://orcid.org/0000-0002-6577-8281> 


<http://lattes.cnpq.br/652919385833337> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

rafaelacintra@estudante.ufscar.br

Perla Cristina Frangioti Machado

<https://orcid.org/0000-0001-7785-3878> 

<http://lattes.cnpq.br/8313436332195201> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

perla@estudante.ufscar.br

Resumo

Este relato tem por objetivo analisar as experiências do Encontro Presencial que abordou a temática gênero na disciplina Problemáticas da Educação Física do ProEF. A atividade realizada foi um Júri Simulado, com o objetivo de discutir questões de gênero no esporte que teve como pergunta disparadora: “As competições esportivas devem ser organizadas pelo sexo biológico dos participantes?”. Os mestrandos e mestrandas foram divididos em três grupos: a) acusação, à qual caberia refutar a tese do critério biológico; b) defesa, que defenderia a tese do critério biológico; e c) júri popular, incluindo a juíza, jurados e juradas, deveria conduzir o júri, analisar as argumentações e proferir o veredicto. O Encontro Presencial foi realizado em formato não presencial, pela plataforma Google Meet. Embora tenham tido pouco tempo para se organizar, os grupos simularam de maneira bastante fidedigna o ambiente de um julgamento. Foram criadas quatro salas no *Google Meet*, sendo a grande sala do Júri onde ocorria o julgamento e uma sala para que cada grupo pudesse se comunicar de forma paralela a fim de elaborar seus argumentos e analisar o processo. A condução do julgamento consistiu em momentos de apresentação de argumentação por parte da acusação, seguidos de réplica da defesa e tréplica da acusação e outro momento de considerações finais de ambos os grupos. A abordagem predominante ficou circunscrita à participação de atletas trans no esporte de alto rendimento e após todo o processo, com argumentações bem embasadas de ambos os grupos, o júri estabeleceu o grupo que defendia a separação das competições por sexo biológico como vencedor, por julgar que apresentaram dados científicos e propostas de intervenção que refutavam os argumentos trazidos pela acusação. Cabe ressaltar que os argumentos trazidos pela acusação também estavam respaldados pela ciência, mas por outro paradigma científico que não o das “ciências naturais”, contudo, a apresentação de referenciais bibliográficos e de materiais de apoio como vídeo e dados estatísticos, sensibilizou o júri no sentido de aproximar essas “provas” da ciência, em oposição aos argumentos da acusação que foram tratados como “opiniões”. Realizados os debates pelas partes e a finalização da proposta, foram discutidas as percepções dos mestrandos e



dos professores sobre esta atividade. O júri discutiu como foi difícil ter uma opinião pessoal sobre o assunto, mas ter que ser imparcial no julgamento e o quanto foi angustiante observar que a acusação não apresentava “argumentos científicos” para justificar a não separação esportiva por sexo biológico. Por fim, foi discutido e interpelado o paradigma do esporte moderno que impõe a classificação binária em uma perspectiva estruturalista e não possibilita a inclusão de identidades de gênero não binárias. Essa experiência de júri simulado tem um grande potencial para ser desenvolvida com alunos da educação básica, especialmente nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, pois oportuniza a reflexão, argumentação, debate, pesquisa e problematização de abrangentes temas.

Palavras-chave: Estratégias de Ensino; Júri Simulado; Competições Esportivas; Sexo Biológico; Gênero.



CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL - PROEF

Realização

- Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF

Apoio ao Congresso

- Universidade Estadual Paulista, Campus Presidente Prudente
- Universidade Estadual Paulista, Campus Bauru
- Universidade Estadual Paulista, Campus Rio Claro
- Universidade Federal do Espírito Santo
- Universidade Federal de Mato Grosso
- Universidade Federal de Minas Gerais
- Universidade Federal de Goiás
- Universidade Federal de São Carlos
- Universidade de Brasília
- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
- Universidade Estadual de Maringá
- Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- Universidade de Pernambuco

EQUIPE EDITORIAL

Comissão Organizadora

- Prof^a. Dra. Fernanda Moreto Impolcetto
- Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Junior
- Prof. Dr. Sidinei Pithan da Silva
- Prof^a. Dra. Kadja Michele Ramos Tenório
- Prof. Dr. Evando Carlos Moreira
- Prof^a. Dra. Denise Ivana de Paula Albuquerque
- Prof^a. Dra. Maria Candida Soares Del-Masso
- Prof^a. Rosangela Matias Andriatti
- Prof. Julio César Gonçalves da Cruz

Comissão Científica

- Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior
- Prof. Dr. Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende
- Prof^a. Dra. Andresa de Souza Ugaya
- Prof. Dr. Antônio Camilo Teles Nascimento Cunha



- Prof^a. Dra. Camila Buonani da Silva
- Prof. Dr. Eduard Angelo Bendrath
- Prof. Dr. Evando Carlos Moreira
- Prof. Dr. Luiz Gustavo Bonatto Rufino
- Prof. Dr. Luciano Bortolin Dorante
- Prof^a. Dra. Márcia Cristina Rodrigues da Silva Coffani
- Prof. Dr. Marcio Romeu Ribas de Oliveira
- Prof. Dr. Nelson Figueiredo de Andrade Filho
- Prof. Dr. Paulo Evaldo Fensterseifer
- Prof^a Dra. Raquel Aguado Gómez
- Prof. Dr. Ricardo Carvalho
- Prof. Dr. Rodrigo Falcão de Oliveira
- Prof. Dr. Sidinei Pithan da Silva
- Prof^a. Dra. Tathyane Krahenbuhl
- Prof^a. Dra. Veronica Ainciart
- Prof^a. Dra. Yara Aparecida Couto

Comissão Administrativa

- Prof^a. Dra. Maria Candida Soares Del-Masso
- Prof^a Ms. Andreia de Carvalho Lopes-Fujihara
- Fabiana Lohani de Sousa Vieira
- João Pedro Camargo de Achiles
- Prof^a. Ms. Wanessa Gomes Chagas Guimarães
- Prof. Valdione Ribeiro

Comissão de Divulgação:

- Prof^a. Dra. Denise Ivana de Paula Albuquerque
- Prof^a. Dra. Kadja Michele Ramos Tenório
- Arthur Massagardi
- Anne Caroline Aguiar
- Ana Laura Bereta
- Camila Luiz Lyra